

# Maria Helena Gonçalves Vida e Obra

*In Memoriam*  
(1945-2020)

**Organizadores**

Aníbal Alves & Helena Pires



**CECS**  
centro de estudos  
de comunicação  
e sociedade



# Maria Helena Gonçalves

## Vida e Obra

*In Memoriam* (1945-2020)

**Organizadores**

Aníbal Alves & Helena Pires

MARIA HELENA GONÇALVES. VIDA E OBRA  
*In Memoriam*  
(1945- 2020)

Organização: Aníbal Alves | Helena Pires

Capa: António José Pedro

Imagem da capa: Conceição Belchior

© CECS, 2021

Edições Húmus, Lda.

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

Telef. 926 375 305

humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão

Edição: Novembro 2021

Depósito legal: 491378/21

ISBN: 978-989-755-691-3

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Financiamento Plurianual do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade 2020-2023 (que integra as parcelas de financiamento base, com a referência UIDB/00736/2020, e financiamento programático, com a referência UIDP/00736/2020)“

# ÍNDICE

## **Abertura**

Aníbal Alves e Helena Pires . . . . . 9

**Nota biográfica** . . . . . 15

## **Breves reflexões**

Helena Pires . . . . . 35

Moisés de Lemos Martins . . . . . 47

Rosa Cabecinhas . . . . . 51

## **Testemunhos**

### Testemunhos da Família

Ana Rita da Eira Matos . . . . . 61

Cristina Vieira Fernandes . . . . . 63

Luís Pedro Gonçalves Fernandes . . . . . 65

Rita Leite . . . . . 67

Rui Nuno Gonçalves Fernandes . . . . . 69

Sara Domingues . . . . . 71

Valdemar Gonçalves . . . . . 73

### Testemunhos dos Amigos, Docentes, Funcionários e Ex-alunos

Alexandra Dias . . . . . 70

Alexandre Gonçalves . . . . . 81

Aline Marques Alves Correia Campos . . . . . 83

Alunos dos Palops: Luís Mendes, Quintino Djocu, Suncar Cassama . . . . . 85

Anabela Carvalho . . . . . 87

Aníbal Alves . . . . . 89

António Ovídio . . . . . 91

Augusto Soares da Silva . . . . . 93

Cristina Ribeiro . . . . . 95

Domingos Paulo Oliveira . . . . . 97

Eduardo José Marcos Camilo . . . . . 99

Fátima Nunes . . . . . 103

Felisbela Lopes . . . . . 105

Fernando Pereira . . . . . 107

Filomena Bastos, Deolinda Moutinho, Adelina Antunes . . . . . 109

Filomena Silva . . . . .	111
Glória Silva . . . . .	113
Glória Vilaça . . . . .	115
Helena Sousa . . . . .	117
Ivo Domingues . . . . .	119
José Miguel Braga . . . . .	123
Jorge Ortiga . . . . .	125
Luísa Magalhães . . . . .	127
Maria Isabel Antunes . . . . .	129
Mário Garcia . . . . .	131
Natália Dias . . . . .	133
Olindina . . . . .	137
Sandra Marinho . . . . .	139
Sara Balonas . . . . .	141
Sara Braga Simões . . . . .	143
Silvana Mota-Ribeiro . . . . .	147
Zara Pinto-Coelho . . . . .	149

**Até sempre, Maria Helena Gonçalves**

**O processo sempre inacabado da história da liberdade**

Maria Helena Gonçalves . . . . .	155
----------------------------------	-----

ABERTURA





A Professora **Maria Helena Sousa Gonçalves** deixou-nos inesperadamente no dia 15 de março de 2020, em plena pandemia. Entre familiares e amigos, a habitual celebração do seu aniversário de nascimento, em 27 de novembro, é um dia de grande saudade. No seu primeiro aniversário depois do falecimento, logo surgiu a ideia: prestar-lhe uma justa homenagem. A ideia passa agora a acto.

Contando com os valiosos testemunhos e contributos dos colegas, funcionários, alunos, amigos e familiares, este pequeno livro regista um especial leque de palavras sentidas, pensamentos, memórias, ensinamentos. Muito mais haveria para contar, caso a história de uma vida coubesse num só livro. Dele transbordam os não-ditos, os silêncios, a inestimável riqueza de uma existência singular, verdadeiramente única e generosa.

Foi com este sentido de missão, e de aventura, que nos entregámos a uma tal empreitada. Desta feita, resta-nos esperar que este gesto, coletivo, não deixe de nos animar, de nos despertar para a importância das recordações e da manifestação do nosso sentir nos contextos de apertada convivência, profissional e interpessoal. Na vida, quantas vezes ambos os registos se misturam! Da nossa querida Maria Helena Gonçalves fica, para sempre, um precioso pedacinho que em todos os que a conheceram graciosamente deixou...



# NOTA BIOGRÁFICA



# *Curriculum Vitae*



## IDENTIFICAÇÃO

Maria Helena Sousa Gonçalves, B.I. n.º 1920335, emitido pelo Arquivo de Identificação de Braga em 16/04/1998, residente na Avenida Dr. Porfírio da Silva, n.º 125, 3º, Dto, em Braga.

(Professora do Quadro de Nomeação Definitiva da Escola Secundária de Sá de Miranda.

Assistente Convidada em Regime de Colocação Especial no Departamento de Ciências da Comunicação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, de 1991 a 2006).

Aposentação em Setembro de 2006.

Projecto de investigação “Informação e Argumentação no Discurso Publicitário”.

### 1. Formação Académica

- Licenciatura em Filologia Românica, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1969.
- Curso de Ciências Pedagógicas, Universidade de Coimbra, em 1970.
- Curso de Hautes Études, Universidade de Pau, França, em 1972.

### 2. Formação Profissional

Estágio Pedagógico realizado no Liceu Nacional de Sá de Miranda, em 1971/72.

Exame de Estado realizado no Liceu D. Manuel II no Porto, em 1972.

### 3. Actividade Profissional

- Iniciei, em 1969, a minha actividade profissional como professora eventual do 2º grupo B, no Liceu Nacional de D. Maria II, em Braga. No ano seguinte, fui colocada no Liceu Nacional de Sá de Miranda, onde fiz estágio pedagógico e efectivei em 1975. Em regime de acumulação, leccionei também na Escola Preparatória André Soares; na Escola Calouste Gulbenkian; no Colégio D. Diogo de Sousa.

- Desde 1991 até 2006, desenvolvi a minha actividade docente no Departamento de Ciências da Comunicação, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

### 3.1 Leccionação no Ensino Secundário

- Leccionei a disciplina de Francês, desde os anos de iniciação até ao 12º ano;
- Leccionei a disciplina de Técnicas de Tradução do Francês ao 11º ano;
- Leccionei a disciplina de Português/Literatura Portuguesa, do 7º ao 12º ano;
- Leccionei a disciplina de Iniciação ao Jornalismo no 11º ano;
- Integrei todas as experiências pedagógicas, leccionando as disciplinas de Francês e Português.

### 3.2 Leccionação no Ensino Superior

- Leccionei a disciplina de Técnicas de Expressão do 1º ano da Licenciatura em Comunicação Social, nos anos de 91/92 e 92/93;
- Leccionei a disciplina de Técnicas de Informação e Publicidade ao 4º Ano da Licenciatura em Sociologia das Organizações, nos anos de 92/93 e 93/94.
- Leccionei a disciplina de Teorias da Comunicação e da informação do 3º ano da Licenciatura em Gestão de Empresas, no ano de 92/93;
- Leccionei a disciplina de Processo Informativo do 3º ano da Licenciatura em Comunicação Social, no ano de 93/94;
- Leccionei, a partir de 93/94, a disciplina de Teoria e Técnicas de Publicidade, 3º ano da Licenciatura em Comunicação Social;
- Leccionei, a partir de 94/95, a disciplina de Laboratório de Publicidade 4º ano da Licenciatura em Comunicação Social;
- Leccionei, a partir de 95/96, a disciplina de Complementos de Publicidade 5º ano da Licenciatura em Comunicação Social;
- Leccionei a disciplina de Sociologia do Consumo no Mestrado de Sociologia da Cultura e dos Estilos de Vida.



- Integrei a comissão de estágios, sendo responsável pela coordenação da área de publicidade.
- Acompanhei estágios e trabalhos de fim de curso de finalistas de Comunicação Social, Sociologia das Organizações e Matemática e Ciências da Computação.

#### 4. Actividade Científica

##### 4.1 Na fase em que estive ligada ao Ensino Secundário

- Para a obtenção do grau de licenciatura, desenvolvi o trabalho de seminário sobre “Sociologia e linguagem técnica dos jogos de cartas”, orientado pelo Professor Doutor Herculano de Carvalho;
- No âmbito do estágio profissional, realicei um trabalho de Didáctica Especial do Português sob o tema “Como fazer o aproveitamento didáctico dos textos poéticos constantes nas antologias adoptadas”;
- Enquadrado nas celebrações do Sesquicentenário da Escola Sá de Miranda, colaborei num trabalho de investigação sobre Sá de Miranda (contexto histórico-cultural, vida e obra) de que resultou um texto dramático que assino em co-autoria;
- No âmbito de uma experiência pedagógica para os cursos nocturnos, apresentei lições escritas de Literatura Portuguesa;
- Na fase de lançamento de novos programas, organizei duas colectâneas de textos para alunos.

##### 4.2 No Ensino Superior

- Integrada no Departamento de Ciências da Comunicação a minha investigação desenvolveu-se em sintonia com os projectos de ensino em que estive envolvida e com as solicitações da comunidade feitas ao Departamento.
- A partir do momento em que me ocupei da leccionação das disciplinas de Publicidade, especialização do Curso de Licenciatura em Comunicação Social, a minha investigação orientou-se de modo particular para o estudo da Publicidade, enquanto modalidade de comunicação.
- Neste contexto se desenhou o projecto de investigação “Informação e Argumentação no Discurso Publicitário. O caso da comunicação dos vinhos”.

## 5. Participação em Congressos / Reuniões Científicas:

- Participei, na *Alliance Francaise* no Porto, nas acções sobre “O ensino do Francês língua estrangeira”, com especialistas do BELC (Bureau d’Enseignement et Langue Française);
- Organizei, na Universidade do Minho, a jornada “Publicidade em Debate”;
- Participei, com comunicação, nas I Jornadas sobre Toxicodpendência e Comunicação Social, no Instituto da Juventude;
- Participei no I Encontro de Cooperação Luso-Marroquino, em Rabat, Marrocos;
- Participei na organização das “1ª Jornadas Regionais sobre Sida”, na Universidade do Minho;
- Organizei e coordenei o painel “Investigação em Sida na UM”, nas “1ª Jornadas Regionais sobre Sida”;
- Integrei o grupo da UM que, na Noruega, participou no Encontro Internacional sobre a “Cultura Cristã e a Cultura Viking”;
- Participei, com comunicação, no “III Seminário de Tecnologia dos Sistemas de Informação”, no Idite Minho em Braga;
- No âmbito de um programa de intercâmbio, participei numa Acção na Universidade Complutense de Madrid;
- Participei no 2º encontro ECCO – Encontro de Cursos de Comunicação, na UCL, em Lisboa;
- Participei e integrei um painel no Forum Internacional “O Comércio Tradicional na Viragem do Século”, promovido pela Associação Comercial de Braga;
- Participei, na Universidade de Versailles Saint Quentin, no Seminário de pesquisa da equipa Printemps e integrei a reunião que se ocupou do projecto de lançamento institucional de uma Rede de Investigação;
- Participei, na Universidade Federal de Sergipe, Brasil, no II LUSOCOM, tendo apresentado a comunicação “Malhas que a retórica tece. Análise de uma comunicação de vinhos portugueses no mercado brasileiro”;
- Integrei o painel sociológico do Seminário Internacional de Comemoração dos 25 anos da DECO, “Direitos do consumidor. Sua Defesa no I Quartel do Século XXI”, na Culturgest, em Lisboa;

- Participei na mesa redonda “Os media e a saúde”, no âmbito das VI Jornadas Novos Horizontes para a Saúde Pública “Saber Fazer o Futuro”, na Universidade do Minho, no *Campus* de Azurém;
- Participei, com comunicação, no I Congresso da SOPCOM, “As Ciências da Comunicação na Viragem do Século”, realizado em Lisboa;
- Integrei a Comissão Organizadora do III LUSOCOM, “Investigação. Convergências e Desafios”, realizado na Universidade do Minho;
- Participei, com comunicação, no III LUSOCOM, subordinado ao tema “Investigação. Convergências e Desafios”;
- Participei no IV Congresso de Sociologia, em Coimbra, com a comunicação “Deuses e Demónios no Sector da Saúde Pública – Questões de Cultura e Comunicação?”;
- Participei no Seminário Internacional sobre Televisão e Audiências, em Lisboa, como relator no 1º painel “Amostragem, Recolha e Tratamento de Audiências / Metodologias” , iniciativa conjunta da Alta Autoridade para a Comunicação Social e a Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (AACS e SOPCOM);
- Participei no VII Encontro de Economia da Saúde, na Torre do Tombo em Lisboa, com a comunicação “Qualidade em Saúde”;
- Participei, com comunicação, no Colóquio Internacional “Saúde e Discriminação Social” realizado na Universidade do Minho;
- Participei, como moderadora de um painel e com comunicação, no I IBERCOM, realizado na Universidade de Málaga;
- Participei na “EACA EDUCATIONAL SUMMIT, on the future of commercial communication education in Europe”, na Universidade Cardenal Herrera, em Barcelona;
- Participei, como moderadora da mesa temática “Publicidade e Relações Públicas” e com comunicação, no II IBERCOM, realizado na Universidade da Beira Interior;
- Organizei, em parceria, o Seminário Internacional “Comunicação Persuasiva: Como a perspectivam académicos e profissionais?”, na Universidade do Minho;
- Participei, como coordenadora da mesa temática “Comunicação Organizacional e Relações Públicas” e com comunicação, no IV SOPCOM, realizado na Universidade de Aveiro;

- Participei, com a comunicação “Aprendizes sob o signo de Bolonha”, nas Jornadas de Publicidade & Comunicação, realizadas na Universidade da Beira Interior.

Outras Participações:

- Colaborei na organização de vários números temáticos da Revista *Cadernos do Noroeste*: “Actas do Seminário Oliveira Martins”; Actas do “VIII Seminário Internacional sobre participação e Mudança nas Organizações”; Actas do III LUSOCOM “A Comunicação no Espaço Lusófono”;
- Assessoriei as acções de comunicação institucional e editorial do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho e do Departamento de Ciências da Comunicação;
- Assessoriei a presidência da SOPCOM, tendo coordenado a organização e publicação do *Boletim Informativo*;
- Participei, a convite da Biblioteca Pública de Braga, numa das sessões de “Os meus livros inesquecíveis”;
- Participei e animei, a convite da Escola Manuel Laranjeira, em Espinho, e no âmbito da Escola Cultural, o dia dedicado à poesia;
- Participei, na Casa da Cultura de Fafe, nas Comemorações do Centenário de *O Desforço*, com a comunicação “A Imprensa Fafense em tempos de mudança”;
- Participei na organização e leccionei no Curso para Jornalistas Angolanos que decorreu na Universidade do Minho;
- Participei, com comunicação, na acção “Planeta Sedução – A imagem da mulher na publicidade”, realizado no Auditório Eurico de Melo, em Famalicão, organizado pela PNJ – Gestão Formação e Serviços;
- Escrevi para o *Guia dos Cursos de Comunicação Social*, Cadernos Público na Escola/8, o texto “Um olhar sobre a publicidade em Portugal”;
- Integrei o Secretariado de Redacção do 1º número da Revista *Comunicação e Sociedade*1,
- Participei, com comunicação, no IV Debate do Ciclo de Debates “Comunicação Estratégica nas Organizações”, subordinado ao tema Gerir em ambiente “comunicação”, em Lisboa;
- Participei em todas as edições das Jornadas dos estudantes de Comunicação Social, integrando o painel dedicado à publicidade.

## 6. Publicações:

- Em co-autoria “Quando o chique se diz com choque”, publicado nos *Cadernos do Noroeste*;
- Em co-autoria “Toxicod dependência e Imprensa Regional”, publicado pelo Projecto Vida e também nos *Cadernos do Noroeste*;
- “Malhas que a retórica tece. Um caso de comunicação dos vinhos portugueses no Brasil”, Actas do II LUSOCOM, Universidade de Sergipe, Brasil;
- Em co-autoria, “A arte de escrever relações no ciberespaço”, na Revista *Comunicação e Sociedade 1*;
- Em co-autoria, “A publicidade em notícia. Leitura de linhas de força e tendências”, in PINTO, Manuel (coordenação) *A Comunicação e os Media em Portugal (1995/1999). Cronologia e leituras de tendências*. Braga, Departamento de Ciências da Comunicação 2000,
- “Compreender para intervir: desenho do projecto, seu enquadramento teórico e metodologia”, *Comunicação e Sociedade 2*, Actas do III LUSOCOM.
- “A Publicidade no paradigma de um processo activo de semiotização”, Actas do I Congresso de Ciências da Comunicação;
- “Deuses e Demónios no Sector da Saúde Pública – Questões de Cultura e de Comunicação?” Actas do IV Congresso de Sociologia;
- Em co-autoria, “Gestão da qualidade dos Centros de Saúde” in LEANDRO, Maria Engrácia (coordenação) *Saúde. As teias da discriminação Social*. Braga, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 2002;
- Em co-autoria, “A publicidade e o serviço público de televisão (o caso RTP). Contributos para uma reflexão”, in PINTO, Manuel (coordenação) *Televisão e Cidadania. Contributos para o debate sobre o serviço público*. Núcleo de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga 2003;
- Em co-autoria, “A paisagem urbana e a publicidade exterior. Um cenário vivo na configuração da experiência do sentir.” Actas do II IBERCOM, Universidade da Beira Interior;
- Em co-autoria, “Viagens na minha cidade. Interpelações da Publicidade exterior” Actas do II IBERCOM, Universidade da Beira Interior;

## 7. Participação em projectos

No Instituto de Ciências Sociais

- Integrei e coordenei o grupo que desenvolveu a pesquisa “Saúde pública: definir um posicionamento para construir uma imagem. Um estudo de caso junto das unidades de saúde do Baixo Cávado”, estudo solicitado pelos Centros de Saúde de Barcelos, Barcelinhos e Esposende;
- No âmbito do mesmo projecto e dele decorrente, desenvolvi as acções de promoção e divulgação do projecto, de que resultou um número especial da Revista “Saudinha” e uma brochura de promoção da *saúde positiva*;
- No âmbito do mesmo projecto e dele decorrente, coordenei e participei nas acções de formação levadas a cabo nos mesmos Centros;
- Integrei o Grupo de Investigação “A Comunicação e os Media em Portugal. Cronologia e leituras de tendências”;
- Integrei o Projecto de Investigação ”Mediascópio”, apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Consultoria

- Integrei a equipa de investigação do projecto de pesquisa” ACB”, no âmbito do PRONORTE, Dezembro de 1995 a Dezembro de 1996;
- Integrei e elaborei a Estratégia de Comunicação do programa CompeteMinho, AIMinho;
- Fui directora de arte de diversos catálogos para Feiras Internacionais da responsabilidade do ICEP, Delegação de Guimarães;
- Fui responsável pela comunicação e divulgação de sessões de demonstração de capacidade empresarial, no âmbito de programas apoiados pelo PEDIP;
- Fui responsável pelo Marketing Eleitoral da candidatura PS à Câmara Municipal de Monção, nos últimos actos eleitorais;
- Elaborei a Estratégia de Comunicação da Sociedade Termal de Monção, no momento de reabertura e relançamento das Caldas de Monção.

## 8. Cargos desempenhados

### 8.1 No Ensino secundário

Directora de turma, por nomeação, na fase de experiência pedagógica;  
Delegada de disciplina;  
Orientadora do Estágio Clássico;  
Delegada de Disciplina à Profissionalização em Exercício;  
Directora da Biblioteca;  
Presidente do Conselho Directivo.

### 8.2. No Ensino Superior

- Integrei vários órgãos de gestão académica: Conselho do Instituto de Ciências Sociais; Representante no Conselho Académico; Representante na Assembleia da Universidade; Representante no Senado;
- Integrei a Comissão Directiva do Departamento de Ciências da Comunicação; a Comissão de Curso de Comunicação Social; a Comissão de Estágios dos Estudantes de Comunicação Social, Área de Publicidade.
- Sócia fundadora da SOPCOM;
- Membro do GT de Publicidade da SOPCOM;
- Sócia da Associação Portuguesa de Sociologia.

## 9. Atividades posteriores a 2006, ano de aposentação da Universidade do Minho

- Maria Helena Sousa Gonçalves lecionou na Universidade Católica Portuguesa (Braga), na Licenciatura em Ciências da Comunicação, entre 2007 e o final do 1º semestre de 2013/14. Durante este período, foi responsável pelos estágios e participou na organização do primeiro CICOM – Congresso Internacional de Ciências da Comunicação, realizado em 2010.
- Posteriormente, foi Directora Pedagógica do Colégio João Paulo II.
- Nos últimos anos da sua vida, residiu na instituição Acolhimento Sénior, em Prado, de 13 de agosto de 2018 até 15 de março de 2020, data do seu falecimento.





# *Portfolium* fotográfico





Visita de Edson Athayde à Universidade do Minho



Congresso internacional



Visita de estudo LCS  
Noruega

Jantar DCC





Os netos e a familia











# BREVES REFLEXÕES



# Lições de criatividade e de vida

---

Helena Pires

Ex-aluna e docente do Departamento de Ciências da Comunicação, ICS, Universidade do Minho

---

## Lição primeira

**Técnicas de Expressão**, assim se chamava a disciplina, no meu 1º ano da Licenciatura em Comunicação Social, que me deu a conhecer a Professora Helena Gonçalves. Acabada de me desviar da Escola Superior de Música, do Porto, deixando-me levar, circunstanciadamente, até à Universidade do Minho, foi neste quadro que reencontrei outros modos da recriação artística. Introduzida, pelas sábias mãos da Helena, à argumentação na língua, de Oswald Ducrot, à semiologia de Roland Barthes ou aos maravilhosos, e tantos, textos poéticos (Fernando Pessoa, Alves Redol, Florbela Espanca...), com que eramos presenteados na abertura de cada lição, tive a felicidade de redescobrir a estética da palavra, dita, mas também a plasticidade da expressão escrita. Partindo da poética das palavras, a Helena conduziu-nos à poética dos objetos. Fomos de imediato desafiados a eleger um objeto da nossa estima, a pensar sobre a sua dimensão significante, o seu significado. À boleia deste exercício apreendíamos e aprendíamos a noção de signó de Ferdinand Saussure, de que nos voltaria a falar o Professor Moisés, nas inesquecíveis aulas de Semiótica, que a todos deixavam boquiabertos, pela novidade e seriedade de todo um infinito universo terminológico. Cada objeto poderia ser entendido na sua funcionalidade, dizia-nos a Helena, mas também enquanto veículo de expressão. Expressão de quê, perguntávamos... Assim começámos e assim acabámos a disciplina, apresentando oralmente, em aula, inusitados trabalhos, uns sobre os óculos, transformados em bolos de mil folhas, tais eram as camadas sobre camadas de sentidos que a nossa colega Jacinta lhe havia acrescentado, outros sobre a forma como nos vestimos, nos penteamos, nos sobrepomos uma segunda pele, apresentando o nosso eu aos outros no contexto do quotidiano, à maneira

de Erwin Goffmann, como o descrevera a Natália, ou a Lia, entre nós, mostrando-se em aula disfarçada de *punk*, ao estilo radical dos anos oitenta, e acabada de experienciar uma excitante viagem de autocarro naquela manhã a caminho da Universidade, para espanto dos passageiros, viagem essa descrita e partilhada com a turma ao detalhe... Da minha parte, entreguei-me aos chapéus, a esse signo milenar e simultaneamente quase extemporâneo, esquecido, deslocado do protagonismo a que outras épocas o haviam votado no quotidiano. *If you want to get ahead get a hat*. Ali estava um *slogan*, recuperado na pesquisa a que o assunto me havia conduzido e que suscitou a desejada discussão sobre o valor social e simbólico dos objetos. Do fascínio pelo chapéu resultou então um ensaio visual, que ainda me acompanha, onde se colecionam chapéus representados em antigas gravuras, pinturas, na fotografia de moda. Dediquei-me, então, à minha primeira experiência de *flânerie* na cidade de Braga (já havia tomado o gosto pela deambulação dois anos antes, no Porto), derivando pelas ruas e vitrines da cidade, à procura de ver os raríssimos passantes enchapelados, ou o chapéu como acessório de moda sobre as cabeças dos manequins e nos expositores, registando o que podia, com uma pesada câmara fotográfica de focagem manual. As fotografias foram seguidamente coladas nas páginas brancas A4 do trabalho, e devidamente legendadas, prática banal à época, uma vez que só mais tarde se tornaria comum o recurso à imagem digitalizada. A par desta pesquisa, descobri ainda a última e única fábrica de chapéus (de feltro e palha) da cidade, a “José Luís Soares e Herdeiros Lda.”, património “industrial” entretanto extinto, com origem na Casa dos Crivos, outrora propriedade particular onde se fabricava, além de chapéus, cestaria. *Braga e o tempo. O comércio e a indústria*. Deste modo se intitula a publicação que encontrei muito mais tarde, datada de 2020, à venda, precisamente, na Casa dos Crivos, por alturas de uma exposição fotográfica alusiva à temática que ali revisei. Prefaciando o catálogo, diz Miguel Bandeira: “As primeiras grandes fábricas de Braga surgirão na segunda metade do século XIX, no extremo nascente do crescimento da cidade (São Vítor), na esteira das ‘velhas indústrias caseiras’ dos sombreireiros, associando as oficinas mais empreendedoras que deram origem às fábricas de chapéus” (2020, p. 8).

O exercício lançado pela Helena nas suas aulas de Técnicas de Expressão deixaria persistentes raízes e o meu interesse pela semiótica dos objetos haveria de perdurar. Em 2011, publiquei na revista *Sociétés* (Revue des Sciences

Humaines et Sociales) um artigo inspirado numa obra fotográfica denominado “De comment est (re)fait l’espace-entre: A Cidade dos objetos [La ville des objets] (Augusto Alves da Silva)”. No resumo pode ler-se: “O exercício semiótico que propomos neste contexto repousa sobre uma conceção ontológica e epistemológica do espaço que, em certa medida, se aproxima da noção de espaço percorrido de Michel de Certeau....o objetivo deste ensaio consiste em concentrar a nossa atenção sobre os objetos que se interpõem nos trajetos semióticos de enunciação...” (Pires, 2011/1, p. 141).

Lição segunda

*Publicidade.* Foi com uma verdadeira e vibrante paixão que a Helena nos apresentou a uma absolutamente nova disciplina. Ali, numa só palavra, se reuniam muitos outros dos meus interesses, uns já antigos, como as artes e a estética, outros mais recentes, como a semiótica, a sociologia, as teorias da comunicação e a psicologia social. Mais tarde haveria de se juntar, e de se consolidar, o meu gosto pela cidade, materializado, de entre outras formas, no livro que editei, conjuntamente com Francisco Mesquita, intitulado *Publi-cidade e comunicação visual urbana* (2018). Recordando o que na referida publicação ficou registado, façamos o seguinte desvio:

A história da cidade, extensivamente estudada por Mumford (2001), mescla-se com as transformações respeitantes às configurações geofísicas, sociais e arquitetónicas do espaço público, com o qual, desde a sua génese, se estabelecem relações, contiguidades ou dissonâncias, por parte das múltiplas edificações e funcionalidades. Vocacionada para o exercício público da razão, a *polis*, na cultura ocidental, impôs-se como centro organizativo da vida em comum (Habermas, 1974). A ação discursiva e de argumentação foi-se moldando a diversas formas significantes, verbais e não-verbais. Desde as mensagens e anúncios fixados em madeira ou, mais tarde, em papel, aos letreiros comerciais, sobre as fachadas e outros suportes físicos, de carácter mais ou menos permanente, sobre a paisagem arquitetónica foram-se sobrepondo, ou incrustando, camadas de signos, de símbolos e de imagens que, na modernidade, alteraram radicalmente a experiência e a perceção do espaço urbano. (Pires & Mesquita, 2018, p. 5)

As aulas de Publicidade eram alegres passeios guiados pela funda sabedoria e intuição da Helena, que nos ia ensinando as virtudes da análise do anúncio das massas *Panzanni*, o celeberrimo artigo de 1964, de Roland Barthes, publicado na revista *Communication* (do qual eu viria a ser uma fiel depositária, falando dos sentidos literal e simbólico, da denotação e da conotação, anos a fio, aos meus alunos, bem como dessa especialíssima noção de *italianidade*, semioticamente construída, como bem ilustrava o autor). De resto, a Helena nutria então uma grande admiração por Barthes, tendo-nos já apresentado *O grau zero da escrita*, bem como *A Câmara clara* (lembro-me bem da sensação de revelação que o exercício de descoberta do *punctum*, nas imagens fotográficas, em nós produzia!), no quadro das Técnicas de Expressão.

Nas aulas de Publicidade fui somando inúmeras aprendizagens, tesouros que haveria mais tarde de partilhar com os meus alunos, a quem procuraria ensinar as mesmas lições: o Z criativo (e os segredos da estratégia publicitária que permitiam partir da pesquisa de mercado, passar pela criatividade – por meio do eixo e do conceito – até chegar, através dos média publicitários, novamente aos consumidores) de Henri Joannis, a reflexão sociológica sobre a Publicidade de Péninou, os ensinamentos de Jacques Séguela, os limites da teoria das necessidades de Maslow (perguntava-nos a Helena, *entre uma posta de bacalhau e um ramo de rosas, qual dos bens era mais “necessário”?*), e falando-nos de permeio das necessidades básicas ao mesmo tempo que daquelas de realização pessoal e social...), as estratégias disruptivas das campanhas da Benetton de Olivier Toscani, que esmiuçávamos, e amávamos, ao detalhe, e por meio das quais discutíamos o papel social da publicidade, a propósito de temáticas como o racismo, a homossexualidade, os refugiados, o multiculturalismo, etc. *Marca, capital da empresa*, de Kapferer, acompanhava-nos nas animadas análises de anúncios que preenchiam as nossas aulas, ilustrando-se a tese do autor com base no valor-marca que significava muitas das publicidades que então conhecíamos, de cor e salteado. Recordo igualmente as sessões de visionamento da série *Mil Imagens*, gravada em cassetes VHS e exibida num televisor que o Sr. Mota alegremente trazia para a sala, sobre um suporte com rodinhas, coleção de que fui mais tarde herdeira, tendo depois pedido ao Fernando de Jesus ajuda para arquivar tais preciosidades, que começaram a ficar sob risco de degradação, pois a qualidade da fita foi-se deteriorando. Mais impressionantes ainda foram as sessões de “cinema”,

verdadeiras maratonas, vendo os mais deslumbrantes anúncios publicitários vencedores do festival de Cannes. A Helena levava-nos nessa altura ao Porto, a convite da APAP (Associação Portuguesa de Agências de Publicidade), para assistirmos à sessão pública de apresentação dos prémios em Portugal. Entravam-nos pelos sentidos dentro os melhores exemplos daquilo que então se fazia no mundo da publicidade, em todo o mundo e em todos os continentes, ao mesmo tempo que assim passávamos a conhecer as melhores e maiores agências internacionais, algumas com sede em Lisboa: TBWA, Havas..., onde mais tarde iriam estagiar alunos da Helena, hoje profissionais com grande notoriedade no meio profissional (Rui Artur Silva – atual CEO e diretor criativo da BBDO, ou Rui Marques, diretor da Meios e Publicidade, Sónia Leitão, Diretora Criativa da Caetsu, entre tantos outros...).

A visita de Edson Athayde à Universidade do Minho, autor de *Tempestade cerebral*, livro entusiasticamente comentado em aula, e na época um dos mais importantes publicitários em Portugal, vindo do Brasil, foi mais uma das iniciativas da Helena com que fomos presenteados. Vivia-se o *El Dorado* da Publicidade e das grandes agências, sediadas em Lisboa, nos anos 90, período marcado pela preponderância das grandes campanhas na televisão, imprensa e outdoor, e do avultado investimento em comunicação por parte das marcas e anunciantes com mais notoriedade, facto a que não terá sido alheia a privatização da televisão em Portugal.

Lição terceira

Em 2005, já na condição de docente do DCC e partilhando a lecionação de Publicidade com a Helena, a minha investigação sobre paisagem urbana e publicidade exterior contou com a sua participação, na UBI, tendo sido apresentadas duas comunicações conjuntas apresentadas no III SOPCOM, VI LUSOCOM, II IBÉRICO: I - A paisagem urbana e a publicidade exterior. Um cenário vivo na configuração da experiência do sentir e II - Viagens na minha cidade: interpelações da publicidade exterior. Ainda hoje, sou recorrentemente notificada no email, a propósito de ambas as comunicações (publicadas em Atas): *Someone saw... in Academia search...*

Partilhámos ainda a participação nas atividades do então designado Grupo de Publicidade e Comunicação, da Sopcom, à época liderado pelo amável e saudoso Professor Francisco Costa Pereira, assim como a participação nas

Jornadas de Publicidade e inúmeras idas a congressos e encontros científicos, em Portugal e no estrangeiro.

No que respeita a publicações conjuntas, destaco, além das comunicações em Atas, referidas anteriormente, “Publicidade em notícia – Leitura de linhas de força e tendências”, artigo publicado em *A Comunicação e os media em Portugal (1995-1999)*. *Cronologia e leituras de tendências*, livro coordenado por Manuel Pinto, em 2000. Neste contexto, é com prazer que revisito a seguinte passagem, tecida a duas mãos:

Num contínuo feito de conexões mas também de aparentes avulsos, a publicidade em notícia integra a narrativa social, e a sua leitura, feita de interpretação e compreensão, desenha, recriando, cenários esperáveis. Nas parcas linhas de enunciação de factos e ocorrências – datadas, situadas e protagonizadas – adivinha-se a estrutura da vida social, o seu ritmos e cadência, os seus dilemas e as suas apostas. Pela força investida na procura de soluções se aquilata da projecção do sonho. E do passado se faz ponte para o futuro. (Gonçalves & Pires, 2000, p. 111).

Valerá igualmente a pena reproduzir aqui a estrutura do capítulo apontado, vendo nela os traços largos de um retrato de uma realidade publicitária nos anos 90, desde logo inevitavelmente comprometida com as problemáticas sociais que nele ressoavam:

- Ler o passado, prever o futuro
- O que quer dizer legislar, regulamentar
- Vigiar e punir
- Estudar o mercado e medir audiências
- A publicidade e os novos media: um desafio ou uma nova forma de fazer publicidade?
- Um novo contexto publicitário marcado pela liberalização das telecomunicações
- Uma publicidade sensível e comprometida com a sociedade

A década seguinte da dita cronologia, 2000-2004, seria esboçada também em dueto, com a Helena Gonçalves, no contexto do Projeto Mediascópio, apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (POCTI/COM/41888/2001), sob a forma de mais um capítulo, publicado em 2008, sob o título *Os media em Portugal nos primeiros cinco anos do século XXI*.



Denominado “Notícia da publicidade: um quinquénio em análise (2000-2004)”, o capítulo dá curiosamente conta da persistência da temática, já anteriormente abordada, da publicidade enquanto “instituição comprometedora com a responsabilização social”. Atente-se no excerto que aqui se destaca:

Barómetro» dos valores culturais dominantes que, actualmente, nas sociedades ocidentais, se reproduzem de modo a sobrepor a concertação de uma acção comum à diversidade de interesses e motivações individuais, a publicidade apresenta-se como um verdadeiro espaço público institucional onde o dever ser é, explícita ou subtilmente, encenado de maneira a reproduzir-se como discurso legítimo, palavra de autoridade e padrão de representação, partilhado e aceite como tal. Antes de mais, tais práticas discursivas parecem querer restaurar uma certa ética, uma determinada posição moral, contrária à absoluta liberdade de auto-satisfação dos prazeres individuais, ao consumismo desenfreado e a presenteísmo inconsequente, valores inerentes a uma sociedade sobretudo estruturada a partir dos imperativos de mercado ou, parafraseando Qualter (1994), estruturada da chamada «nova economia capitalista. (Gonçalves & Pires, 2008, pp. 156-157)

Lição quarta

“Compreender para intervir. Saúde pública: definir um posicionamento para construir uma imagem. Um estudo de caso junto das unidades de saúde do Baixo Cávado”. Assim se intitula o artigo publicado em *Comunicação e Sociedade 2, Cadernos do Noroeste*, em 2000, edição do então Centro de Ciências Históricas e Sociais, dando conta de um estudo de investigação-elaboração, elaborado com os Centros de Saúde de Barcelos, Barcelinhos e Esposende. Particpei da equipa desta investigação, liderada pela Helena Gonçalves, a par dos colegas Alexandra Lázaro, Luísa Magalhães, Silvana Mota Ribeiro e Paulo Xavier. Tratou-se de uma pesquisa que contou com uma parceria com a Bússola, empresa de comunicação e estudos de mercado de que a Helena era sócia-gerente. A sua valência enquanto empresária complementava-se com o seu papel enquanto docente e investigadora. A seu convite, integrei com grande excitação o projeto, o qual se veio a revelar um laboratório de ensinamentos sobre o trabalho em equipa, no caso multidisciplinar, bem como sobre a importante função e sentido de responsabilidade da investigação face ao bem-estar das comunidades. Rumo aos três Centros

de Saúde envolvidos, partilhávamos reuniões, pesquisa no terreno, visitas e ações de formação e de esclarecimento com os profissionais de saúde e outros colaboradores.

Os objetivos traçados, de carácter pragmático, foram os seguintes:

- “- Recensar as atitudes da população face aos serviços de saúde;
- Caracterizar essas atitudes;
- Recensar (dentro do possível) as representações sociais face aos serviços de saúde;
- Recensar as atitudes dos agentes de saúde pública;
- Caracterizar essas atitudes;
- Definir os perfis profissionais desejados;
- Comparar com os perfis actuais;
- Elaborar um plano de formação capaz de anular os desfasamentos entre a situação actual e a situação pretendida;
- Elaborar um plano de comunicação;
- Definir uma estratégia de meios de difusão”.

Tendo em vista os “resultados esperados” – “a satisfação e qualidade do serviço” -, “na ótica de todos os intervenientes”, recordo o especial cuidado de integração dos profissionais, médicos e enfermeiros, assim como dos restantes colaboradores, administrativos e empregadas de limpeza, no conjunto de alvos sobre os quais incidia tanto a pesquisa como as ações de intervenção. Nas ações conjuntas, participadas, designadamente por médicos e enfermeiros, eram notórias as tensões e desequilíbrios de protagonismo discursivo, expressivos de diferenças simbólicas (e reais), inimigas da possibilidade de construção de uma identidade organizacional coesa e de uma imagem positiva, percebida como tal pelos utentes. O talento de Paulo Xavier, no campo da psicologia social, enquanto formador e especialmente como comunicador, a par da sabedoria e larga experiência da Helena, suportadas na retaguarda pelo rigor científico e concetual da Alexandra Lázaro, não deixando de se contar com o importante trabalho de registo de notas de campo, a cargo de mim própria e das colegas Luísa Magalhães e Silvana Mota Ribeiro, orquestravam entre si um apurado e estimulante mergulho nos problemas identificados e na sua depuração participada. “Milagrosamente”, as estratégias de pesquisa e comunicação, no contexto interno, aplicadas em campo, transformavam

os diferentes intervenientes em potenciais agentes de mudança (ou agentes desejantes de mudança):

Partimos para esta viagem com um rumo, mas sem conhecer o ponto de chegada. Estaremos com estes profissionais ao longo de todo o processo enquanto eles assim o desejarem. Pretendemos ser catalisadores de uma mudança que se quer efectiva e não apenas aparente e que parta de dentro, da vontade de todos, como aliás é a única forma de mudar. (Gonçalves et al., 2000, p. 509).

Com o mesmo afincio se trabalhou sobre e com os utentes. Além de lhes ter sido aplicado, tendo em conta uma amostra extensa, um detalhado inquérito, analisado posteriormente de forma aprofundada, não se descurou a observação dos modos de uso dos Centros, bem como a análise dos suportes comunicativos mediadores da relação entre as múltiplas estruturas e instâncias de decisão (e de ação), nacionais, regionais e locais, implicadas.

Ficaram as saudades das entusiásticas tempestades cerebrais que acompanhavam as viagens entre Braga e Barcelos-Barcelinhos ou Esposende, com a Helena a conduzir alegremente o seu ímpar Alfa Romeo.

Lição quinta

Ainda pela mão da Helena Gonçalves, a título de colaboradora formal, e real, no processo, foi cerzido o meu Mestrado, sob orientação do Prof. Moisés de Lemos Martins, apresentado na Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho, Mestrado em Estudos Económicos e Sociais. *A retórica das palavras, o poder das imagens e a ordem do mercado*, assim se intitulava a tese. Suportada empiricamente a investigação num estudo sobre a perceção dos consumidores relativamente à publicidade aos operadores de comunicações móveis, então emergentes em Portugal, a tese permitiu a análise de criativas e inovadoras campanhas, discutindo-se a articulação entre as suas estratégias discursivas (imagem e palavras) e um novo quadro de valores subjacentes ao sistema de mercado e ao modo como este então “legitimava” os imperativos do consumo. Defenderia a minha tese em 1999.

Já a tese do meu doutoramento, também sob orientação do Prof. Moisés, intitulada *Gritos na paisagem do nosso interior. A publicidade outdoors e a experiência sensível, nos percursos do quotidiano. À deriva por entre lugares*

*imaginários*, daria continuidade ao meu duplo interesse pela publicidade e semiótica, nela ressoando indesmentíveis efeitos de contaminação, quer o papel fundamental do meu orientador no percurso da minha formação acadêmica, quer da inspiração que as lições da Helena sempre despertaram no meu espírito, desejoso de conciliar a ciência com a poética e a criatividade. O meu doutoramento trouxe-me a descoberta da minha irresistível atração pela experiência de deriva no espaço e paisagem urbanos, pela observação atenta no terreno, as abordagens fenomenológicas ao universo do sensível, o pensamento sobre o detalhe e o fragmentário, na sua ligação com a arqueologia e a “iluminação profana” da modernidade, à maneira de Benjamin. De que forma a cultura se manifesta no quotidiano, na banalidade de todos os dias, em cada esquina, em cada banco de jardim, vitrine ou anúncio publicitário, impôs-se nas minhas reflexões até hoje como uma das problemáticas norteadoras e mais estimulantes na minha investigação. Estou certa de que também esta acidentalidade foi “provocada” por muitos encontros e experiências felizes, entre os quais a Helena tem, certamente, um especial lugar.

Até 2006, altura em que Maria Helena Sousa Gonçalves se aposentou da Universidade do Minho na qualidade de Assistente Convidada em regime de colocação especial, tive o privilégio de com ela partilhar serviço docente na área de Publicidade, participação em encontros científicos, viagens em serviço, produção bibliográfica e organização conjunta de eventos.

Em 2007, ano de defesa do meu doutoramento em provas públicas, lá estava, no Largo do Paço, a minha mestre e eterna amiga, testemunhando todos os importantes marcos da minha carreira na Universidade do Minho, desde o 1º ano de licenciatura, passando pelo mestrado e culminando no doutoramento. Um tão persistente e próximo acompanhamento, ao longo de uma parte substancial da minha vida, não pode querer dizer coisa pouca. Pelo contrário, expressa bem a especialíssima estrelinha que, para grande felicidade minha, me foi seguindo...

Lições em aberto

Já fora da Universidade, a Helena recomeçou novamente mais um itinerário. A nossa cumplicidade nunca nos abandonou. Revimo-nos muitas vezes: na Universidade Católica, em Braga, em encontros aí organizados,

nomeadamente Jornadas de Publicidade, em exposições de arte, concertos, visitas na Bússola, por via de encontros diversos e telefonemas...

Não dediquei, contudo, à amizade que nos unia, o cuidado e tempo merecidos. Ficou-me da querida Helena Gonçalves a herança de uma lição inacabada...aspirei seguir-lhe o exemplo, no investimento que dedicava aos amigos e família, na apreciação dos pequenos/grandes prazeres, depositados num cartucho de castanhas estaladiças, pelo outono, ou na absoluta entrega a um refrescante cocktail, bebericado numa esplanada e compassado por um demorado cigarro, num belo final de tarde, no sentido de vocação pedagógica com que presenteava os estudantes, na inteligência, na argúcia, no gosto estético e criatividade...

É difícil aos aprendizes reproduzirem todos os ensinamentos legados pelos seus mestres. É impossível imitá-los. As lições permanecem em aberto, abrangendo a redescoberta de permanentes e sucessivos ensinamentos, bem guardados no coração da memória. Sabendo do seu infinito encantamento pela poesia, partilho com a Helena o seguinte excerto de T. S. Eliot:

A madrugada desponta e mais um dia  
Se prepara para o calor e o silêncio. No mar o vento da  
Madrugada  
Escrepa-se e desliza. Eu estou aqui  
Ou ali, ou algures. No meu começo.  
(In East Coker, *Quatro Quartetos*).

## Referências

- Câmara Municipal de Braga/Cultura (Org.) (2020). *Braga e o tempo. O comércio e a indústria*. CMB.
- Bandeira, M. (2020). Do comércio & Indústria, e não só! In Câmara Municipal de Braga/Cultura (Org.) (2020). *Braga e o tempo. O comércio e a indústria* (pp. 5-9). CMB.
- Gonçalves, H. & Pires, H. (2000). Publicidade em notícia – Leitura de linhas de força e tendências. In M. Pinto (Coord.), *A comunicação e os media em Portugal (1995-1999). Cronologia e leituras de tendências* (111-132). Braga: ICS/DCC.
- Gonçalves, H. & Pires, H. (2008). Notícia da publicidade, um quinquénio em análise (2000-2004). In M. Pinto & S. Marinho (Orgs.). *Os media em Portugal nos primeiros cinco anos do século XXI* (pp. 143-162). Porto: Campo das Letras.

- Gonçalves, H., Lázaro, A., Magalhães, L., Ribeiro, S. M., Pires, H. & Xavier, P. (2000). Compreender para intervir. Saúde pública: definir um posicionamento para construir uma imagem. Um estudo de caso junto das unidades de saúde do Baixo Cávado, *Comunicação e Sociedade 2. Cadernos do Noroeste*, Série Comunicação, Vol. 14 (1-2), 485-509.
- Pires, H. & Gonçalves, H. (2005). I - A paisagem urbana e a publicidade exterior. Um cenário vivo na configuração da experiência do sentir. In J. Fidalgo & J. P. Serra (Coords.), *Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM, II IBÉRICO. Vol. 4: Campos da Comunicação 2005*. Covilhã: UBI, Laboratório de Comunicação e Conteúdos online (CD-Rom). ISBN: 972-8790-39-2
- Pires, H. & Gonçalves, H. (2005). II - Viagens na minha cidade: interpelações da publicidade exterior. In J. Fidalgo & J. P. Serra (Coords.), *Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM, II IBÉRICO. Vol. 4: Campos da Comunicação 2005*. Covilhã: UBI, Laboratório de Comunicação e Conteúdos online (CD-Rom). ISBN: 972-8790-39-2
- Pires, H. (2011/1). De comment est (re)fait l'espace-entre: A Cidade dos objetos [La ville des objets] (Augusto Alves da Silva). *Sociétés*, 111, 141-152.
- Pires, H. & Mesquita, F. (Eds.). (2018). *Publi-cidade e comunicação visual urbana*. Braga: CECS.
- Pires, H. & Mesquita, F. (Eds.). (2018). *Publi-cidade e comunicação visual urbana; introdução*. In H. Pires & F. Mesquita (Eds.), *Publi-cidade e comunicação visual urbana*. Braga: CECS.

# A grandeza da alma e o primado dos afectos

---

Moisés de Lemos Martins

Docente do Departamento de Ciências da Comunicação,  
ICS, Universidade do Minho

---

Era a madrugada das Ciências da Comunicação na Universidade do Minho. O lançamento, em 1991, da licenciatura de Comunicação Social, constituía um novo projeto de ensino e investigação, e era motivo de grande exaltação para uma geração de docentes, apaixonada pela grandeza da obra que abraçava. Havia, é verdade, em todos nós, o maior entusiasmo e um brilho no olhar. Constituíamos um pequeno grupo de docentes, não estabilizado. A licenciatura contava com apenas dois doutores, o Professor Aníbal Alves e eu próprio. E a Dr.<sup>a</sup> Helena Gonçalves estava, então, no auge da sua carreira como professora de Português na Escola Secundária Sá de Miranda. Mas veio juntar-se a esse pequeno grupo de docentes, para a realização deste projeto grandioso.

Éramos, então, pau para toda a obra. Eu dirigia a licenciatura de Sociologia e era aí professor. Mas passei a ensinar Semiótica, e depois, também Teoria e Análise do Discurso. A Dr.<sup>a</sup> Helena Gonçalves tomou a ser cargo Técnicas de Expressão (que eram, à época, sobretudo técnicas de expressão de Português). E foi, sobretudo, a docente de Publicidade.

Mulher de armas, de alma até Almeida, de uma simpatia desarmante e de grande delicadeza e ternura, a Dr.<sup>a</sup> Helena foi muito mais do que uma docente do grupo inicial de Comunicação Social da Universidade do Minho. A institucionalização do projeto de ensino e investigação de Comunicação Social era ainda uma realidade relativamente recente na universidade portuguesa. Embora o primeiro curso de Comunicação Social datasse de 1978, na Universidade Nova de Lisboa, logo seguido de um outro, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), da Universidade Técnica (agora Universidade de Lisboa), apenas cerca de uma dúzia de anos mais tarde é que foram criados o terceiro e o quarto projetos de ensino e investigação na área da Comunicação Social: na Universidade da Beira Interior

(UBI), em 1989; e na Universidade do Minho, em 1991. Mas foi então que, num ápice, as licenciaturas em Comunicação Social se multiplicaram por toda a universidade portuguesa, a ponto de termos entrado no século XX com cerca de três dezenas de licenciaturas de Comunicação Social nas universidades públicas, e de outras três dezenas nas universidades privadas.

A Dr.<sup>a</sup> Helena Gonçalves está na origem das relações privilegiadas que o curso de Ciências da Comunicação estabeleceu com as Agências de Publicidade, e especificamente com a Associação Portuguesa das Agências de Publicidade, Comunicação e Marketing (APAP). Lembro que, durante anos, o melhor aluno de Publicidade da Universidade do Minho recebia um prémio da APAP, no decorrer da cerimónia pública do Dia da Universidade.

Mas, sobretudo, o que gostaria de enaltecer na Dr.<sup>a</sup> Helena Gonçalves é a energia que colocou no acompanhamento dos esforços de constituição da rede associativa, que levou à criação da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM). Foi comigo, em 1994, em representação da Universidade do Minho, à primeira reunião de responsáveis por cursos de Ciências da Comunicação do país, o ECCO – Encontro dos Cursos de Ciências da Comunicação. Apenas estiveram presentes, nesse momento, responsáveis pelos cursos de Comunicação das seguintes universidades: Universidade Católica Portuguesa; Universidade da Beira Interior; Universidade do Minho; Universidade Nova de Lisboa; Universidade Técnica de Lisboa. Um ano de depois, em 1995, os mesmos representantes dos cursos de Comunicação da universidade portuguesa voltaram a reunir-se, dessa vez na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa. Em 1997, realizou-se o primeiro Congresso Lusófono de Ciências da Comunicação, na Universidade Lusófona, em Lisboa. Em 1998, institucionalizou-se a SOPCOM. Ainda em 1998, realizou-se o II Congresso Lusófono de Ciências da Comunicação, em Aracajú, Estado de Sergipe (Brasil). E logo no ano seguinte, em 1999, tivemos o I Congresso Português de Ciências da Comunicação, na Gulbenkian, e o III Congresso Lusófono de Ciências da Comunicação, na Universidade do Minho. Em 2000, estávamos todos, em São Vicente, junto à cidade de Santos, no litoral do Estado de São Paulo, a realizar o IV Congresso Lusófono de Ciências da Comunicação.

A Dr.<sup>a</sup> Helena Gonçalves era, então, uma empenhada e decidida académica, sem dúvida um dos artífices da organização deste movimento que permitiu a criação da rede associativa de Comunicação Social – uma área



disciplinar que, entretanto, se havia formalizado na academia como Ciências da Comunicação.

Em 1999, aquando do III Congresso lusófono de Ciências da Comunicação, na Universidade do Minho, foi lançado o primeiro número da revista *Comunicação e Sociedade*. A empresa de Artes Gráficas, Barbosa & Xavier, em Braga, editou a revista. Mas foi a Dr.<sup>a</sup> Helena Gonçalves quem mediou a sua publicação, junto da empresa. E, além disso, integrando o Conselho de Redação da revista, e também o seu Secretariado de Redação, projetou e definiu, ela própria, a capa e publicou, com Paulo Xavier, na secção Reflexões e Leituras, o interessante e visionário estudo “A arte de escrever relações no ciberespaço”. Voltamos, entretanto, a encontrar a Dr.<sup>a</sup> Helena Gonçalves nas Atas do I Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, intituladas *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século*, publicadas em 2002. Aí aparece o estudo, em que a Dr.<sup>a</sup> Helena propõe fazer uma leitura semiótica da publicidade, intitulando-o: “A publicidade no paradigma de um processo ativo de semiotização”.

Sem dúvida, em todos os momentos e nas dinâmicas fundamentais da vida do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, nas suas origens, assim como nos principais momentos da constituição da vida associativa da comunidade portuguesa de Ciências da Comunicação, a Dr.<sup>a</sup> Helena Gonçalves foi uma presença deveras marcante. Foi-o no ensino. Foi-o também na gestão do departamento, assim como na vida associativa. E foi-o, ainda, na investigação, que então dava os primeiros passos.

No segundo volume de *Comunicação e Sociedade*, publicado em 2000, dedicado às “Ciências da Comunicação no Espaço Lusófono” (este volume constitui as Atas do III Congresso Lusófono de Ciências da Comunicação, realizado, em Braga, em 1999), a Dr.<sup>a</sup> Helena Gonçalves dá conta dos primeiros resultados do projeto coletivo de investigação, que ela própria coordenou, intitulado “Compreender para intervir”. Este projeto havia sido parte integrante de uma candidatura apresentada pelos Centros de Saúde de Barcelos, Barcelinhos e Esposende, no âmbito do concurso “Projectos Inovadores”, apresentada, anos antes, à Administração de Saúde da Região Norte, tendo como objetivo traçar um plano de ação, capaz de promover a satisfação e a qualidade no serviço público de saúde, na ótica dos seus profissionais e utentes. Com a coordenação da Dr.<sup>a</sup> Helena Gonçalves, a equipa

do projeto integrava os seguintes docentes do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho: Alexandra Lázaro, Luísa Magalhães, Silvana Mora Ribeiro, Helena Pires e Paulo Xavier. Este estudo pioneiro teve, por outro lado, o seguinte título: “Compreender para intervir. Saúde pública: definir um posicionamento para construir uma imagem. Um estudo de caso junto das unidades de saúde do Baixo Cávado”.

Pode afirmar-se, sem sombra de dúvida, que a Dr.<sup>a</sup> Helena Gonçalves esteve presente em tudo o que foi a madrugada inicial do projeto de ensino e investigação de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, assim como do movimento de constituição da comunidade nacional de Ciências da Comunicação.

Mas a memória que guardo da Dr.<sup>a</sup> Helena Gonçalves prende-se, sobretudo, com as suas qualidades humanas. Era uma colega e uma amiga de grande coração, de um entusiasmo contagiante, sempre disponível para todas as urgências do presente. Nessa época, o projeto pedagógico contaminava a vida toda. Ainda mal se falava de investigação. Os alunos eram toda a nossa vida.

# Desconfinar a academia, entrelaçando ciência e arte

---

Rosa Cabecinhas

Docente do Departamento de Ciências da Comunicação, ICS,  
Universidade do Minho

---

Quando recebi a gentil carta de convite apelando a contributos para este livro de homenagem à Professora Helena Gonçalves, pensei imediatamente no tema que iria abordar no meu testemunho pessoal: seria sobre uma imagem, mais precisamente uma capa desenhada pela Helena, da qual me tinha lembrado uns escassos dias antes. De seguida, abordarei o contexto dessa lembrança e potencial disruptivo e transformador dessa imagem, que ilustra a forma como Helena Gonçalves soube entrelaçar ciência e arte, contribuindo para desconfinar a academia. Este ato de rememoração levou-me a um esforço para combater a criptomnesia social.

Imagem, performance, os espartilhos do quotidiano e as cores da vida

Durante a campanha para as eleições presenciais de janeiro de 2021, um dos candidatos, que é líder de um partido de extrema direita, proferiu uma série de afirmações que visavam desqualificar as duas candidatas à Presidência da República: Ana Gomes foi por ele qualificada como “histórica, obcecada com os seus inimigos de estimação, amiga das minorias que vivem do nosso trabalho” (Twitter, 2020.09.8) e sobre Marisa Matias referiu que “Não está bem em termos de imagem, de performance, assim como os lábios muito vermelhos, como se fosse uma coisa de brincar” (Twitter, 2021.01.13). Já antes, o referido candidato tinha proferido afirmações desqualificando a ação política de outras mulheres aconselhando-as a “pintar menos os lábios” (Twitter, 2020.06.25), mas foram as suas afirmações em relação à candidata presencial

Marisa Matias que fizeram saltar a tampa e despoletaram um vivo protesto online: #VermelhoemBelém, no qual pudemos observar homens e mulheres, de diversos quadrantes políticos, com os lábios pintados de vermelho, protestando assim, através da imagem, contra as palavras ultrajantes proferidas contra todas nós.

A imagem de diversos “homens de barba rija” com os lábios pintados de vermelho nas redes sociais, em meados de janeiro, constituiu uma surpresa para as pessoas mais distraídas e teve o mérito de trazer para a esfera pública, por alguns dias, uma discussão sobre os estereótipos de gênero, imagem e *performance*. De facto, não é apenas na política que a performance de uma determinada pessoa é inferida a partir da sua imagem, seja a partir da maquiagem que usa, a roupa que veste, a postura corporal ou a tonalidade da sua voz. Na ciência isso também acontece, como demonstram numerosos estudos.

Por coincidência, poucos dias depois de se ter iniciado o protesto online #VermelhoemBelém, recebi a mensagem solicitando contributos para o livro de homenagem para a Professora Helena Gonçalves. Decidi imediatamente sobre o que queria escrever. Queria escrever sobre uns carnudos lábios vermelhos que guardo na minha memória como uma capa desenhada por Helena Gonçalves para uma publicação científica do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS). Lembrava-me que a capa apresentava uns carnudos lábios vermelhos. Antes, já outras capas da Helena me tinham chamado a atenção pelo seu carácter artístico e por contrastarem com as capas sóbrias que habitualmente se faziam em publicações científicas do instituto, mas esta era particularmente luminosa e provocadora.

*Nada é fácil no jogo humano das imagens*

Sabemos que as nossas memórias estão em permanente reconstrução, e que as imagens mentais que guardamos do passado não constituem representações fidedignas da realidade e estão em constante transformação em função das vivências do presente. Eu lembrava-me exatamente dos lábios vermelhos, lembrava-me que apareciam em destaque no centro da composição da capa, mas tinha esquecido quase tudo o resto. Em que publicação aparecia essa imagem? Em que ano? O CECS já existia ou teria sido antes? Uma coisa eu tinha a certeza: a capa tinha sido desenhada pela Helena Gonçalves. Porque

é que recordo esta capa em particular? Porque na altura a capa me surpreendeu, causou-me alguma estranheza e fez-me olhar a Helena de outra forma, pois foi todo um mundo novo que se abriu.

O meu primeiro contacto com a Helena Gonçalves ocorreu no início dos anos noventa quando fomos colegas de trabalho na então Secção de Ciências da Comunicação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, que posteriormente deu origem ao Departamento de Ciências da Comunicação. Na época, eu dividia o meu tempo entre as aulas em Braga, as visitas à família na Bajouca e as idas a Lisboa onde estava a realizar um mestrado em Psicologia Social, no âmbito do qual realizei uma série de experiências de laboratório sobre memória, mais precisamente sobre as assimetrias nos enviesamentos cognitivos no processamento de informação social. Pouco depois estava super atarefada a recolher dados, em várias regiões do país e também no estrangeiro, no âmbito do meu projeto de doutoramento. Recordo-me que eu andava sempre a correr, com pouco tempo para confraternizações com colegas de trabalho. Eu queria ser uma cientista a sério, não a brincar, por isso assumi a postura que julgava mais adequada para dar o meu contributo científico: fechar-me no laboratório, recolher dados, tratar os dados recorrendo aos mais avançados pacotes estatísticos disponíveis, analisar os resultados com a maior profundidade possível e escrever seguindo rigorosamente as normas da escrita científica. Mas a capa da Helena foi um murro no estômago, confrontou-me com a minha ignorância e o meu preconceito. Porquê os lábios vermelhos? Não sabia responder e na procura de resposta comecei a estar mais atenta à Helena, às suas inúmeras produções e iniciativas, dentro e fora da academia.

Pouco tempo depois várias de nós estávamos a fazer um curso de História da Arte no Museu Nogueira da Silva. Foi uma oportunidade de pensar nas ligações entre ciência, comunicação, arte e mudança social. Pouco a pouco fui tomando consciência de que, tal como afirma Aníbal Alves, “nada é fácil no jogo humano das imagens, incluindo a sua relação com as palavras” (2015, p. 6). Entretanto, saí do “laboratório” e abracei com alguns colegas o árduo e exigente desafio de analisar imagens. Esse trabalho requer a articulação de campos de saberes diversos, desde a filosofia à matemática, passando pela linguística, psicologia, história, a sociologia e as artes.

O trabalho de Helena Gonçalves constitui um excelente exemplo de ciência desconfinada, que não se deixa aprisionar pelas artificiais fronteiras

disciplinares nem pelos estereótipos sociais que perpassam na academia e em outras instituições sociais, moldadas ainda por cores cinzentas e por espartilhos implícitos. O trabalho criativo de Helena Gonçalves é um grito vermelho no campo da academia. Sim, o vermelho dos lábios nessa capa fez-me recordar o vermelho das papoilas, esse grito cantado que nos interpela à luta coletiva.

Determinada a escrever um curto texto sobre essa tal capa que me tinha ficado na memória comecei o processo de procura. Não me recordava de qual a publicação nem em que ano tinha sido publicada. Então resolvi fazer uma pesquisa no site do departamento, no site do instituto, no site do CECS, no repositoriUM, mas as buscas por “Helena Gonçalves” não me proporcionaram os resultados esperados. Apareceram os textos em que é autora, mas não as capas que desenhou.

Como procurar uma capa da qual só sabemos a autoria? As ferramentas de pesquisa que temos ao nosso dispor dão centralidade ao autor do texto e não ao autor da imagem. Rapidamente constatei que de facto não está disponível uma indexação que permitisse recuperar rapidamente a autoria das capas das diversas publicações científicas. Resolvi procurar uma a uma. Comecei pelos livros, depois fui para as revistas e lá encontrei a referida imagem em uma publicação do então Núcleo de Estudos de Comunicação e Sociedade, que daria origem ao CECS.

Figura 1 – Capa do número temático “Comunicação e imaginário”, *Comunicação e Sociedade* (2002)



O volume 4 da revista *Comunicação e Sociedade* (junho, 2002) é dedicado ao tema “Comunicação e imaginário”. Moisés de Lemos Martins, diretor da revista e organizador desse número temático, explica a importância do tema na nota de abertura: os textos reunidos neste volume “interrogam, de diferentes maneiras, as figurações do humano projectadas pela articulação das novas tecnologias da imagem com os média e o imaginário, e interrogam também as consequências da confluência da técnica e da estética, que estetiza a experiência e realiza a cultura como controle” (Martins, 2002, p. 7). A pertinência do tema não poderia ter sido explicada de forma mais elucidativa e a imagem escolhida para a capa era perfeita.

Na ficha técnica da revista lá está a autoria da capa: Helena Gonçalves. Mas como colocar esta referência na bibliografia? Não encontrei nas normas de citação e referenciação o modo de colocar tal informação, por isso tentei fazer a referência de um modo que dê primazia ao trabalho criativo desenvolvido pela autora.

Embora eu tenha elaborado uma dissertação de mestrado sobre os efeitos do sexismo e do racismo no processamento de informação social, até ao momento em que me confrontei com a capa da Helena eu pouco (ou nada) sabia sobre a história e os símbolos das lutas feministas. A capa da Helena desencadeou em mim um processo de procura a partir do qual me apercebi de forma mais clara dos efeitos persistentes da criptomnesia social (Vernet & Butera, 2005) no nosso quotidiano.

Voltemos ao movimento #VermelhoemBelém que fervilhou nas redes sociais portuguesas em janeiro deste ano. Este movimento de protesto dialoga com movimentos recentes em outros países do mundo, por exemplo o #SoyPicoRojo ou o #EzpainGorrienIraultza, configurando aquilo que foi denominado como *Revolução dos Lábios Vermelhos* (*Red Lips Revolution*, ver Larrondo Ureta & Orbegozo Terradillos, 2021), dando-nos oportunidade de recordar um pouco das quase-esquecidas histórias de luta, por exemplo, as lutas das sufragistas pelo direito de voto universal.

Encarado como símbolo de libertação para umas pessoas e como símbolo de opressão para outras, o gesto de pintar os lábios de vermelho tem sido uma prática de beleza comum ao longo da história e nos mais diversos contextos culturais. Para uns o batom é sinal de satanás, produto ilegal,

risco potencial para a saúde, símbolo de frivolidade, para outras representa a opressão exercida pelos padrões patriarcais de beleza feminina impostos pela sociedade de consumo, para outras é símbolo de empoderamento, auto-expressão, desafio e escolha.

Não cabe aqui debater as complexidades ligadas às controvérsias associadas ao batom vermelho enquanto símbolo cultural, mas os lábios pintados de vermelho que surgem no centro da capa do quarto número da revista *Comunicação e Sociedade*, dedicado à “Comunicação e Imaginário”, desafiam-nos a contar e a escutar outras estórias, a questionar tabus, a interligar sentir e saber (Damásio, 2020) e a partilhar sorrisos. Desafiam-nos também a empreender aquilo que em Klelobedu se designa por ‘go sepele ke go bona’ (Mahashe, 2020, p. 218), passear com as ideias tendo consciência de quanto o trabalho das outras pessoas nos permite dar os nossos próprios passos, colorindo essas ideias com as cores da vida, articulando ciência e arte, desenhando conceitos que nos permitam transformar a academia e a sociedade.

Aprender com a Helena Gonçalves foi um enorme privilégio. Recordo com saudade os seus ensinamentos, o seu sorriso luminoso e a sua contagiante alegria de viver. Até sempre.

## Referências

- Alves, A. (2015). Nota do tradutor. In M. Melot (2015) *Uma breve história... da imagem* (pp. 5-9). Tradução de Aníbal Alves. Húmus.
- Damásio, A. (2020). *Sentir & Saber – A Caminho da Consciência*. Temas e Debates.
- Gonçalves, H. (Design da Capa) (2002). Comunicação e imaginário, *Comunicação e Sociedade*, 4.
- Larrondo Ureta, A., & Orbegozo Terradillos, J. (2021). Hashtivism's potentials for mainstreaming feminism in politics: the Red Lips Revolution transmedia narrative. *Feminist Media Studies*. <https://doi.org/10.1080/14680777.2021.1879197>
- Mahashe, G. T. (2020). Walking towards a camera obscura. *Critical African Studies*, 12(2), 218–236, <https://doi.org/10.1080/21681392.2020.1750968>
- Martins, M.L. (2002). Nota de Abertura. *Comunicação e Sociedade*, 4, 7-8.
- Vernet, J.-P., & Butera, F. (2005). Women, women's rights and feminist movements. *Social Science Information*, 44(1), 175–188. Doi: 10.1177/0539018405050465



# TESTEMUNHOS



## Testemunhos da Família



# A minha sogra, a Leninha

---

Ana Rita da Eira Matos

Nora

---

Poucos foram os anos em que convivemos. Antes a tivesse encontrado mais cedo. Sabia adivinhar os sentimentos, decifrar os silêncios e escolhia como ninguém a melhor palavra. Aquela que devia ser dita. Felizmente, essa capacidade foi passada aos seus dois filhos que tentam fortalecer os laços e conciliar quem os rodeia. Vejo isso como um legado que espero encontrar nos seus netos, nos meus filhos. Da forma que sei, tentarei que assim seja. De onde está, olhe por nós!

Estará sempre junto de nós!



# Avó Leninha: Saudades

---

Cristina Vieira Fernandes

Nora, mãe do neto André

---

Nunca damos o devido valor às pessoas enquanto estão presentes.

Não agradei os conselhos, os carinhos e risadas que compartilhámos.

Nunca expressei a admiração que sentia...

A capacidade de ir à luta e de enfrentar as adversidades com um sorriso no rosto.

Foi uma honra ter tido a oportunidade de viver ao seu lado.

Ainda hoje quando faço o arroz (da avó Leninha) lembramos....

lembramos sempre com carinho e saudade.

Que tenha paz e descanso junto dos que muito amava...

Saudades...

Muitas saudades avó Leninha!





# Mãe

---

Luís Pedro Gonçalves Fernandes

Filho

---

Nunca pensei que fosse tão difícil escrever algo sobre ti. Por diversas vezes iniciei o texto e nunca o cheguei a concluir ou mesmo concluindo nunca me pareceu que fazia justiça à pessoa que eras. O que se pode dizer da pessoa que nos deu tudo? O que se pode dizer de uma mulher que se deixava sempre para último lugar tentando fazer do mundo um lugar melhor para todos os que a rodeavam?

Eu, tal como todos os que tocaste, apenas podemos ter uma palavra para ti: OBRIGADO!

OBRIGADO por seres sempre uma excelente ouvinte e por teres tido sempre uma palavra, não para decidir pelos outros, mas para nos ajudar a encontrar o caminho certo.

OBRIGADO por estares sempre presente, por teres esse condão de adivinhar quando precisava e apareceres com esse carinho que era só teu e que fazia tudo o resto parecer insignificante.

OBRIGADO por teres sido quem eras e por teres deixado em cada um de nós um bocadinho de ti, que será sempre o melhor que temos.

OBRIGADO por seres minha mãe e por me fazeres parecer incompleta qualquer definição da palavra mãe nos dicionários. Que orgulho tenho de poder dizer ao mundo que és e serás sempre a minha mãe, a minha heroína e o modelo de mulher que todos deviam copiar.

Conhecendo-te sei que não querias que te pedissem desculpa, mas sinto que te deveria pedir porque gostava de não te ter privado de tantas coisas para que eu e o meu irmão pudéssemos ser quem somos. E se somos alguma coisa hoje, a ti o devemos.

Fica tanto por dizer! Acho que diariamente os meus pensamentos e o meu coração te vão dizendo tudo, espero que como sempre acreditaste o ouças ou sintas.

Não me despeço de ti porque dentro de mim terei sempre uma parte de ti!



# Tia Lena

---

Rita Leite

Sobrinha

---

Nascida em 1945, a minha tia é fruto da melhor promessa de todas: a liberdade! Em todas as suas dimensões, já que ao longo da sua vida a minha tia foi muitas numa mulher só.

Liberdade enquanto mulher, cidadã portuguesa e do mundo. Liberdade de ser, dizer, pensar e acreditar. Dona de si e de um autocontrolo estóico foi e será sempre uma das grandes inspirações e modelos da minha vida.

Desengane-se quem me lê e pensa que concordávamos em tudo, acima de tudo respeitávamo-nos e também aquilo em que cada uma pensava sobre o mundo e sobre si mesma. Partilhávamos a adoração a Pessoa, ao vinho e até certo ponto à *Bohemia*.

Mulher-menina de sorriso fácil e encantador, de uma graça tremenda que sobressaía não só no seu humor, mas também e principalmente na sua forma de estar e ser com os outros. Acima de tudo, detinha em si mesma um saber, que não intimidava, mas que nos instigava a querer saber mais. A minha tia não limitava o saber, mas provocava de forma inteligente – principalmente sob a forma de perguntas – o outro com quem estivesse a discutir. O objetivo de uma discussão com a minha tia não era chegar a uma verdade absoluta, mas sim desconstruir as verdades mais absolutas que pudéssemos ter.

Há inúmeras histórias que poderia contar ou partilhar, mas que duvido que fizessem grande sentido para quem me lê, pois só no momento em que pensamos que estragamos a persiana de uma janela do apart-hotel em Londres, e apenas na aflição do momento em que duas pessoas não sabem mais o que hão-de fazer é que um “*Olha minha filha, que Deus te ajude*” pode ser tão cómico, tão maravilhosamente encorajador e ao mesmo tempo desesperante. Parceira de inúmeras aventuras, muitas mais ficaram por viver em conjunto.

No entanto, fica a promessa de as viver contigo no meu coração e pensamento, para que as vivas e vivas para sempre e sempre.

Até um dia tia, até à nossa próxima conversa sempre na companhia do melhor vinho.

# Exemplo

---

Rui Nuno Gonçalves Fernandes

Filho

---

Queria um dia ser capaz de transformar em palavras todas as mensagens que carrego dentro de mim...

Qualquer pequeno nada é suficiente para ser inundado por uma imensidão de memórias, sentimentos e emoções.

Qualquer detalhe, para uma pessoa que fazia dos detalhes a sua filosofia de ser e viver, é reflexo da marca profunda que deixaste em mim, e penso que em todos os que conheceram o teu sorriso.

EXEMPLO! É este o inestimável ensinamento que retiro da tua essência... Exemplo de rectidão, de coragem, de excelência!!!

Consciente de que pode soar a cliché, não poderia ter sido abençoado com melhor anjo da guarda.

É um enorme desafio ser capaz de honrar tão grande e belo legado.

OBRIGADO por tudo mãe!



# Querida Inha

---

Sara Domingues

Afilhada

---

Este era o nome pelo qual te chamo desde criança porque, na altura, não conseguia pronunciar adequadamente o nome pelo qual te ouvia chamar - Leninha. Hoje é o dia das madrinhas, o teu dia, o dia em que te oferecia o ramo da madrinha. Recordo o último que te dei como se fosse hoje, como se o tempo que passou se tivesse desvanecido num único suspiro. Esforcei-me em escolher um lindo ramo, um ramo de girassóis, flor que tanto gostavas, com decoração alusiva à Páscoa. Estava um dia simpático e fui com a minha mãe à instituição onde vivias. Libertaste um sorriso terno e amigo quando nos viste e, quando a auxiliar te perguntou quem eram (como quem te submete a um teste de capacidade cognitiva), tu respondeste mais ternurenta ainda “É a Sarinha e a Mãe”.

Como eu recordo com saudade esse sorriso. Como eu recordo com saudade tudo o que vivi contigo. Passámos algum tempo naquela salinha, em torno de uma mesa circular, a conversar sobre trivialidades, as quais ganhavam, no teu dizer, a dimensão de singularidades. Era uma conversa em ritmo mais pausado do que antigamente e, por vezes, a amparar-te a memória. Senti o mesmo afeto de sempre e, carinhosamente, amparámos as mãos uma da outra enquanto conversávamos. Quando nos despedimos, tu levaste no colo o teu grande ramo de girassóis e eu trouxe um vaso de memórias regado para resistir à distância temporal de novo encontro.

Hoje permiti-me visitar memórias passadas. Ecoam em mim sentimentos de medo. Sabes... Senti necessidade de fazer um bloqueio emocional para me tentar manter forte, para lutar na linha da frente desta pandemia que, felizmente, não assombrou os teus dias. Bloquear as emoções e impessoalizar a relação é forma de gerir racionalmente o medo. Por isso, não me tenho permitido chorar. Mas, agora, a chave da memória abriu o gelo e dele brotam generativas lágrimas de saudade nutridas de memória que no rosto

reescrevem a minha história. Hoje decidi escrever-te esta carta, coisa que já não fazia desde a escola primária, com a infantil e ingénua esperança de que, entre pingos de chuva e raios de sol, a ti chegue. Lembro-me de, num dos encontros, me mostrares as cartas que te escrevi em criança e que com tanto carinho guardaste na escrevaninha do teu quarto. Tive a sorte de estares presente em bons e maus momentos da minha vida. Em todos eles, lembro-me das tuas palavras doces, do teu sorriso ternurento e do teu abraço apertado, assim como quando me sussurravas ao ouvido “gosto muito de ti” e eu sussurrava ao teu ouvido “gosto muito de ti”. Tenho várias e maravilhosas recordações e essas estarão sempre guardadas no meu coração.

Um dia oferecete-me o livro ‘O príncipezinho’. Revisito a humana sabedoria convertida em palavras por Antoine de Saint-Exupéry: “Aqueles que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.” Tu, querida Inha, deixaste-me muito de ti, não me deixando só. Obrigada por teres sido minha madrinha, minha amiga, minha confidente. Digo isto hoje, emprestando infinita temporalidade à memória que em mim plantaste: serás sempre a minha querida Inha.



# Tópicos de um depoimento

---

Valdemar Gonçalves

Cónego e Tio

---

Chamava-se Maria Helena de Sousa Gonçalves, oficialmente, como foi registrada no concelho de Fafe, onde nasceu, na Conservatória do Registo Civil. Principio por esta referência, para assinalar que a família e a roda alargada de pessoas da sua convivência a conheceram e a denominaram simplesmente por “Leninha”.

Será assim que neste pequeno depoimento a chamarei. Não se trata apenas de um carinhoso diminutivo - aplicado geralmente às crianças - mas algo que a acompanhou, muito revelador e identificativo, em todo o percurso da sua existência neste mundo.

A Leninha foi a segunda de quatro irmãos. Seus pais casaram novos e fixaram residência perto da casa dos seus avós paternos. A diferença temporal do irmão mais velho foi pouco mais de ano e meio e assim, desde muito cedo, a Leninha era trazida pela mãe à nossa casa e constituía o encanto de todos, sobretudo das tias que ali se juntavam: duas solteiras e a mais velha casada, sem filhos, a Lucindinha, que tendo embora casa própria era presença frequente na nossa casa.

Com o andar do tempo as duas tias solteiras da Leninha (a tia Miquinhas e a tia Aurorinha) foram assumindo a menina que passou a ter duas casas, numa só família.

Vieram depois dela mais uma irmã e um irmão. Fez todo o ensino primário nas escolas onde trabalhou a tia Lucindinha, que também a preparou para o exame de admissão ao liceu.

Nessa altura deu-se na família dos avós paternos da Leninha uma transferência de casa. Faleceu o nosso avô, pai da minha mãe, e dado que as condições que lhe eram oferecidas pela herança, a minha mãe insistiu em virmos habitar esta casa, muito mais confortável que a primitiva, acabando o meu pai por concordar.

Daí fez os estudos no Colégio Municipal de Fafe, desde o primeiro ao quinto ano, hoje nono, seguindo depois para o liceu, em Guimarães, onde sem interrupções acabou o sétimo ano de então e de onde partiu para a Universidade de Coimbra, tendo-se matriculado na Faculdade de Letras e aí concluiu a licenciatura que a habilitou ao ensino oficial, na sua área específica.

\*

A partir desta data radicou-se em Braga, ensinando no liceu Sá de Miranda, onde permaneceu vários anos. Foi a sua escola de sempre até ser integrada na Universidade do Minho.

Casou em Braga, no Sameiro, com um jovem engenheiro, o Constantino, que exerceu, como profissão, o ensino.

Como sacerdote tio da Leninha fui eu quem assistiu ao seu casamento. Fiz, por exigência dela, uma viagem de várias horas (todo o dia), de comboio, de Pamplona (Navarra), esperando-me ela e o Constantino, que bem conhecia os horários e percursos, no apeadeiro de Guillarei (Espanha). Fizemos a viagem de Valença a Fafe e eles regressaram a Braga. Foi na véspera do casamento, que se veio a realizar, como disse, no Sameiro, constituindo um dia alegre e feliz. Esta felicidade foi aumentando com o nascimento dos dois filhos, que encheram de ternura a casa de seus pais.

Inesperadamente, porém, poucos anos passados, a Leninha viu morrer o seu marido, acometido de doença galopante e depois de haver sido internado no hospital de S. João (Porto). Aqui emerge, em letra grande, a mulher forte que há-de enfrentar, sozinha, o presente e o futuro.

Deixei exarada, num soneto, a minha visão sobre o que trespassou a alma da Leninha, nestes dois últimos tercetos:

O meu sonho fez ponte; e eu sinto a margem!  
Convulsa, trepidante, ando em romagem  
No tapete da ponte, o meu viver:  
Pois que tive um marido, que se foi,  
Presente na saudade que me dói  
E o sonho de dois filhos a crescer!

Venceu as dificuldades inerentes ao novo modo de fazer frente à vida, na gestão familiar e profissional. A Leninha foi uma Maria Helena muito

grande. No tocante à família, o que nos diz respeito, podia contar-se com ela, com o seu esforço empenhado. Nós vimo-la sempre com os olhos do coração!

Lúcida e interventiva, quando necessário, tinha uma personalidade forte, rasgando o seu caminho.

Até que surgiu, inesperada, a grande doença, o seu calvário.

A Leninha era uma pessoa estruturada e assente em princípios éticos e morais.

Preocupou-se muito com a sua formação religiosa e encarou os acontecimentos de uma forma edificante. Tinha uma grande alma: integrou-se na sua comunidade paroquial de Sto. Adrião (Braga), ensinando catequese, participou em reuniões e foi leitora nas eucaristias.

Confesso que a Leninha teve, ao longo da sua terrível doença, um comportamento edificante, acima do comum. Na véspera de uma intervenção delicadíssima, perante as preocupações que eu revelava, é ela quem me sossega: eu estou em paz!

Durante a doença, trazida pelos irmãos, sobretudo pelo Jorge, com quem mais lidava, veio bastantes vezes a nossa casa. Não se queixava, olhava a tia Aurorinha e a mim, os últimos sobreviventes e confessava que a casa, o quintal, as nogueiras, aqueles espaços, lhe diziam muito.

Lembrava os que partiram...quase todos. Um jardim onde as rosas desfloraram. Anima-nos a força do reencontro com o nosso grande Amigo de sempre e a escora oculta de tanto heroísmo da Leninha.

Assim me exprimo ao vê-la partir com os versos finais dos tercetos de um outro soneto, intitulado *Plus Ultra*:

O meu jardim mudou, foi transplantado  
E as roseiras floriram noutro lado  
Com um perfume novo a rescender.  
Sei que irei desfrutar do meu jardim  
Porque esta morte, aqui, não é o fim  
E as minhas rosas não são de morrer.



Testemunhos dos Amigos, Docentes,  
Funcionários e Ex-alunos



# Amizade, carinho, profissionalismo...

---

Alexandra Dias

Funcionária do ICS, Universidade do Minho

---

Há 27 anos iniciei funções na Universidade do Minho, sempre no Instituto de Ciências Sociais, na altura ainda o curso de Comunicação Social estava a dar os primeiros passos. A Prof<sup>a</sup> Helena Gonçalves é também parte integrante deste processo. Fez parte da família da Comunicação, e foi alguém com quem tive o privilégio de trabalhar e de conhecer de perto. Uma Senhora de trato doce e delicado. Nunca presenciei qualquer contrariedade que a levasse a falar de forma mais ríspida. Tinha grande carinho e admiração por ela. Fez parte do meu percurso na Universidade do Minho e por isso tenho de lhe agradecer por ter enriquecido a minha vida pessoal e profissional.





# Para a Professora Helena

---

Alexandre Gonçalves

Ex-aluno e Sócio Gerente de Hora Zero - Comunicação e Eventos

---

O que sobra do tempo é a memória que guardamos dele, quando disso somos capazes, porque, por vezes, o sentido da perda, a ausência de respostas diante das provações da vida, ou a vontade de esquecer o sofrimento que vivemos, transportam-nos por uma neblina vazia e difusa da realidade, que tenuemente nos esvazia dessas recordações.

Braga foi o lugar que esse tempo me permitiu habitar e do qual a memória só preservou o que de melhor ali vivi e partilhei. Cresci numa essência de vitalidade, rodeado de gentes geniais, das quais absorvi inspiração e “aconchego” para tudo o que sou e ainda desejo alcançar.

No dizer da poesia encontrei eco nas palavras ditas pelos outros, nas declarações reais de quem nos guiava para e por novos territórios. A Professora Helena era um dos outros, que também somos nós, porque tão sábia e sensível percebeu e juntou a sua voz ao nosso dizer. Na sua poesia fez coro, num sussurro cantado baixinho, sempre entregue à vontade de partilhar a sua sensibilidade e gosto. Acompanhou-me sempre no meu ímpeto de fazer, de transformar, na inocência da vontade da diferença, no gesto transgressor, no olhar mais crítico, na ponderação da circunstância. Foi o que julgo que por missão um professor deve ser, um orientador criterioso. Mas à professora Helena, nessa missão, também lhe cabia a função de alimentar e incendiar todos os nossos sonhos e os nossos ensejos.... e ela soube fazê-lo tão bem!

A maior homenagem que lhe posso prestar não caberá nestas palavras, nem sequer na memória que dela e nela guardo, por ser tão pessoal e íntima até. A homenagem maior é a de todos sermos capazes de a perpetuar nos seus gestos e na sua forma de ser, replicando o seu existir em cada um dos nossos dias, voltando a partilhar o que dela bebemos na sua sabedoria.

Há uma doçura na sua voz que me desperta e me permite enfrentar o calendário dos nossos dias, certo de que a terei por companheira para sempre.

Para a Professora Helena eu guardo-lhe a eternidade, enquanto a oportunidade maravilhosa de estar vivo me permitir acompanhá-la.

# Ponto de vista

---

Aline Marques Alves Correia Campos

Ex-aluna e Professora

---

Meu nome é Aline, fiz parte da primeira turma de Comunicação Social da Universidade do Minho e lembro-me da professora Helena Gonçalves com muito carinho. Ela foi minha professora de Técnicas de Expressão, no ano lectivo de 1991/1992, e sempre nos incentivava a praticar exercícios de comunicação, onde deveríamos falar de maneira clara, vencendo os nossos medos e inibições. Lembro-me que nos propôs pensarmos num tema qualquer para apresentarmos para a turma. Eu resolvi falar sobre “Ponto de Vista” e como cada um tem uma opinião ou reação diante de uma determinada situação. Coincidência ou não, há 15 dias atrás publiquei no meu Facebook essa experiência e lembrei-me daquela docente que me entusiasmou a colocar em palavras os meus pensamentos. Quando criámos o grupo de teatro amador UMBigo, sob a direção do nosso colega Alexandre, ela incentivou-nos e estava lá no Teatro Circo a assistir. Quando falava o meu Português brasileiro ela me dizia sobre o meu sotaque de brasileira nativa: “Aline, fala um pouco para nós, gosto tanto de ouvir-te falar”. Eu, que naquela época devia ter meus 19 anos e que tinha deixado o meu país junto dos meus pais portugueses para morar em Portugal, sentia-me muito à vontade e querida tanto junto dos professores, quanto junto dos meus colegas. Cheguei a trabalhar no jornalismo aqui no Brasil assim que regresssei, mas pouco tempo depois voltei-me também para a docência. Acredito que ensinar é também um ato de amor. Fiz Letras Português/ Inglês, pós-graduação em Gestão e Orientação Escolar e hoje sou também professora concursada do Estado do Rio de Janeiro, onde leciono Inglês. Deixo aqui uma grande salva de palmas para a nossa querida professora Helena, que acredito que deve estar num bom lugar. Os ensinamentos são imortais e a memória daqueles que nos marcam permanece eterna.



# Algumas pessoas marcam a nossa vida

---

Alunos dos Palops:  
Luís Mendes  
Quintino Djocu  
Suncar Cassama

Residência Universitária – Universidade Católica, Braga

---

Algumas pessoas marcam a nossa vida, deixam mensagens que nunca se apagam das nossas vidas, que se tornam aprendizados e que levamos para sempre connosco. E nem sempre é por meio das palavras que aprendemos. Ética, generosidade, amizade e humildade são atitudes e qualidades que se veem nas ações, e que ficam de exemplo e inspiração.

A Dr.<sup>a</sup>. Helena foi uma das pessoas que marcou a nossa chegada aqui em Portugal. Foi alguém que nos fez repensar no nosso jeito de viver a palavra de Deus, que nos momentos difíceis não podemos esquecer a Deus, e sobre a importância de Deus na nossa vida. Temos uma admiração profunda e uma grande estima pela sua pessoa.

Agradecemos por dedicar o seu tempo a ensinar-nos a palavra de Deus, com tanto entusiasmo e verdade. Fez-nos sentir especiais e pessoas capazes de alcançar os nossos sonhos. As lições que aprendemos com ela estarão sempre connosco.

É tão difícil pensar que não está mais aqui, que o seu sorriso luminoso não poderá mais ser visto neste mundo e que não podemos voltar a ouvir as suas palavras de ensinamento e de palavra de Deus. Para lembrar a Dr.<sup>a</sup> Helena, diremos que era uma pessoa por nós querida e especial. Que tinha uma beleza vinda de dentro e que tinha a rara capacidade de fazer com que os outros mostrassem o seu lado melhor. Tinha aquela ingenuidade que só se encontra nas crianças e nas pessoas de coração puro.

Ela partilhou connosco momentos e os mais puros sentimentos, e agora que não está mais aqui, guardaremos tudo o que vivemos como um tesouro.

Será sempre uma das pessoas mais especiais que tivemos a sorte de conhecer. Sua partida deixou muita tristeza nos nossos corações e uma saudade infinita. Mas nas nossas memórias, as lembranças e as palavras de ensinamento ficarão guardadas para sempre.

Se existem pessoas especiais, ela é uma delas. Aprendemos com suas palavras, com sua sabedoria e com sua plena vontade de compartilhar! Podem passar anos e anos, sempre lembraremos de todas as coisas maravilhosas que nos ensinou.

Querida Helena. Seu jeito de partilhar a palavra de Deus é único e transforma a aprendizagem em uma experiência maravilhosa. Foi um verdadeiro privilégio termos assistido aos seus ensinamentos da palavra de Deus. Foi uma alma carismática que contagiava todos os residentes da Residência Universitária Católica – Centro Regional de Braga, tanto cristãos como muçulmanos. Foi e será sempre especial para nós. Contudo, há memórias lindas que ficam e serão elas que nos darão a força que precisamos para enfrentar o nosso dia-a-dia. Porque seu sorriso sempre foi poderoso e sua presença uma alegria contagiante.

Você foi uma amiga especial, aquela pessoa querida que todo o mundo queria ter por perto. Mas agora vemos refletida em nós a falta da sua presença para nos confortar, das suas palavras de carinho e incentivo e dos bons momentos que passávamos e que nos faziam esquecer tudo o resto. Só nos resta lamentar o seu adeus e continuar orando e especialmente homenageando a pessoa deslumbrante e inspiradora que sempre foi. Para nós, sempre viveu e encheu a nossa vida de felicidade. A nossa profunda gratidão. Vá em paz e que O Pai Todo Poderoso a receba na Sua Morada Santa.

Até um dia, nossa eterna amiga.

# Helena Gonçalves: sorriso e sabedoria

---

Anabela Carvalho

Docente do Departamento de Ciências da Comunicação, ICS,  
Universidade do Minho

---

Diz a psicologia cognitiva que as nossas memórias têm níveis diferentes de acessibilidade. A minha mais imediata memória da Helena é a de um sorriso doce. A de alguém que sorria com os olhos de uma forma que iluminava o rosto e emanava segurança.

Partilhei gabinete, durante muitos anos, com a Helena e com a Luísa Magalhães. Ficava no fundo do corredor no último piso do antigo edifício do ICS. Desses muitos momentos de partilha, perseverou sobretudo essa imagem de um grande equilíbrio interior da Helena. Uma imagem de serenidade e de sabedoria. Sim, o sorriso da Helena era também sempre um sorriso de sabedoria: tanto de compreensão das realidades próximas e quotidianas, como de compreensão de teorias ou conceitos abstractos e elevados.

Com a gentileza e amabilidade que a caracterizavam, a Helena sempre mostrou interesse pela situação dos colegas a nível pessoal, sempre velou pelo seu bem-estar com pequenos gestos de simpatia, e sempre transmitiu a sua palavra amiga e disponível em todos os momentos.

Profissionalmente, durante os anos em que convivemos, a Helena fez uma forte ponte entre o mundo empresarial e o mundo da academia. Fazia-o com mestria e paixão. Recordo, em particular, o seu interesse por Roland Barthes, de quem a ouvi várias vezes falar com fascínio e conhecimento profundo a propósito do trabalho publicitário.

As minhas memórias da Helena situam-se também num espaço extra-muros da Universidade: o seu 1,3,5 Galeria Bar, onde, no início dos anos 90, os colegas do ICS tantas vezes se encontravam e partilhavam momentos de descontração. Recordo, sobretudo daí, também um outro sorriso da Helena: o sorriso – e o riso – do humor e da boa disposição. Contagiantes, muitas vezes, esses foram, também, alguns dos seus fortes traços.





# Leninha, querida amiga

---

Aníbal Alves

Docente aposentado do Departamento de Ciências da Comunicação,  
ICS, Universidade do Minho

---

Foi pelos nossos filhos, que nos encontrámos pela primeira vez, a aguardá-los no fim da aula de ginástica. Ao sentar-me junto à porta da sala de espera, saltou-me à vista, no lado oposto, ao fundo, uma Senhora toda de preto. Era a Mãe do Luís Pedro, colega do nosso João Luís. Acabara de perder por doença súbita o seu marido Constantino Fernandes, também professor. Era o começo das nossas vidas, querida Leninha.

A profissão comum de professores havia de nos juntar num novo projecto: a criação do Curso de Comunicação Social na Universidade do Minho. Estávamos em 1991: a Professora definitiva do Liceu Sá de Miranda tornava-se docente do novo Curso e membro do Departamento de Ciências da Comunicação. E não mais parámos: o ensino nos Cursos de Comunicação Social e de Sociologia das Organizações, a investigação em Publicidade, a criação da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação - SOPCOM, o Projecto Erasmus, a Saúde Pública com a especial pesquisa-acção nas Unidades de Saúde do Baixo Cávado, a tese para doutoramento sobre *Informação e Argumentação no Discurso Publicitário - A Publicidade sobre os Vinhos...* E quantas mais iniciativas em dimensões tão diferentes como o domínio empresarial na Bússola, no Restaurante-bar “1,3,5”, e o contínuo empenho nas causas e instituições envolvidas na formação e na educação, na assistência social, na catequese, na cultura...

E sempre professora: após a aposentação de professora definitiva no Liceu Sá de Miranda, retomou a docência das disciplinas da sua especialidade em Ciências da Comunicação na Universidade Católica Portuguesa, entre 2007 e 2013. E mais...

Bem-haja, querida Leninha, pela incomparável dádiva que nos deu com sua vida, plena e fecunda, connosco generosamente partilhada.



# Esta é a homenagem que eu gostaria de fazer à Professora Helena

---

António Ovídio

Funcionário do ICS, Universidade do Minho

---

Conheci a Professora Helena Gonçalves ainda eu estudava no Liceu Sá de Miranda e ela era Professora no mesmo Liceu. Reforçámos a nossa ligação profissional uns anos mais tarde quando ingressei como funcionário no ICS. A Prof.<sup>a</sup> Helena fazia parte do Júri de seleção de pessoal para ingressar no ICS. Foi mesmo ela que efetuou a minha entrevista profissional. Depois, tivemos vários anos de interação profissional e pessoal.

A Professora Helena era uma pessoa de presença serena. Lembro a delicadeza e solenidade dos mais simples gestos, o sorriso franco e disponível na gargalhada que só as grandes pessoas têm.

Ela teve uma vida solitária, esforçou-se ao máximo para viver. Sempre com um sorriso, determinada a ser feliz e a rodear-se de pessoas felizes.

Eternas não são as pessoas, e sim os momentos...

Nada é mesmo para sempre, exceto as memórias (que ainda assim às vezes falham).

Então, se nada dura para sempre, por que a memória se dá completamente? Porque gostamos de ter memórias de pessoas como a Prof.<sup>a</sup> Helena Gonçalves.



# Espírito de missão

---

Augusto Soares da Silva Coordenador da Licenciatura em Ciências da Comunicação e Diretor do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da Fac. de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa de Braga

---

Maria Helena Sousa Gonçalves foi docente da Licenciatura em Ciências da Comunicação da então Faculdade de Filosofia e, hoje, Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa. Fez parte integrante do respetivo corpo docente, desde a fase inicial da criação da Licenciatura, em 2005, tendo lecionado as unidades curriculares de Teorias e Práticas da Publicidade e Estágio. À Helena Gonçalves se deve a criação do núcleo de estudos sobre Publicidade como subárea de Ciências da Comunicação e, mais tarde, do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da Católica-Braga, bem como a implementação, juntamente com Luísa Magalhães, do estágio curricular na Licenciatura em Ciências da Comunicação, que ainda hoje se mantém como uma singularidade entre os planos de estudos de 1º ciclo de Ciências da Comunicação da maior parte das universidades portuguesas e uma mais-valia reconhecida e estimulada pelas entidades de avaliação e acreditação. A si também se deve a dinamização de um conjunto de atividades extracurriculares designadas Práticas de Comunicação, realizadas interna e externamente, reforçando a dimensão prática da formação em Ciências da Comunicação.

Todos nós, colegas e antigos alunos, guardamos da Helena Gonçalves um exemplo de generosidade e espírito de missão, de dedicação sem limites, de grande profissionalismo, de entusiasmo contagiante que punha em todos os projetos que abraçava, de energia e tenacidade com que ultrapassava as dificuldades com que se deparava e de um sentido de responsabilidade e retidão.

Recordo com muita saudade, em especial, a sua alegria, dedicação e competência na implementação e dinamização dos estágios e das práticas de comunicação, as muitas e estimulantes conversas que tivemos sobre aspetos cognitivos de anúncios publicitários, em particular processos metafóricos e

de integração conceptual, e sobre o que, com muita propriedade, designava como o contributo da Publicidade para o “(re)povoamento cognitivo”, o seu entusiasmo e a sua inestimável colaboração na preparação do primeiro congresso internacional Comunicação, Cognição e Media e, também, os breves mas sempre plenos encontros de café e de rua, como quase vizinhos que éramos.

Lembrar a Helena Gonçalves e reconhecer o que lhe devemos é hoje um exercício agregador de que todos – os seus colegas, antigos alunos e amigos – saímos fortificados.

# Para Deus, não existem acasos!

---

Cristina Ribeiro

Irmã, Religiosas da Imaculada Conceição

---

Início esta partilha com uma frase, cujo conteúdo a M. Helena bem experimentou ao longo da sua caminhada! Tudo tinha um sentido... para Deus não existem acasos!

Assim foi, no início de uma, já, longínqua primavera, quando bateu à porta do nº 78 da rua do Poente, em Braga. Vinha para ficar!

Procurava encontrar alguém que poderia estar ali... encontrou, mas também encontrou uma Comunidade, um Carisma, um Movimento... Viu e ficou!

Vivíamos a escassos metros, pertencíamos à mesma paróquia... talvez, por um ou outro motivo, já tivéssemos cruzado o nosso olhar, no entanto, não nos conhecíamos!

Mas, a partir daquele dia, a M. Helena passou a partilhar connosco o que de mais importante nos une, a todos nós, seguidores de Jesus: a Eucaristia.

Pouco a pouco, foi conhecendo e percebendo, por um lado, a riqueza e o vigor e, por outro, a importância e a atualidade do Carisma de Santa Vicenta Maria Lopez y Vicuña, fundadora da Congregação das Religiosas de Maria Imaculada (RMI). Uma Congregação presente na Igreja e que caminha em Igreja, com uma missão concreta, muito concreta... ao serviço da jovem, da jovem que está só, da jovem que precisa de uma mão amiga, de apoio, acompanhamento, orientação, formação... para chegar a ser, quando adulta, membro ativo da sociedade, com autonomia e responsabilidade.

Tal como para Vicenta Maria, “*as jovens triunfaram*” na vida da M. Helena. A missão das RMI passou a ser missão sua... não hesitou em assumir iniciar um processo de formação no Movimento de Leigos de Vicenta Maria (MOLAVIM). Foi com enorme alegria que, ao finalizar a formação, fez o seu compromisso, fazendo, assim, parte integrante do MOLAVIM,

como membro ativo, partilhando a vivência da espiritualidade e da missão, em comunhão com as RMI.

Assumi várias funções no MOLAVIM. Com a sua exímia exigência, o seu esforço contínuo, a sua sabedoria de coração, contribuiu sempre para a sua notável ação.

Foi insigne, ao longo dos anos, o seu fascinante entusiasmo, o seu empenho permanente e tenaz, a sua dedicação sem fronteiras, mesmo quando a saúde já lhe impunha alguns limites...

Sempre preocupada com todos... assim viveu, sempre disponível para ajudar, para colaborar...

Obrigada M. Helena! A sua vida não foi, para nós, um acaso!



# A vida cristã de Maria Helena Gonçalves

---

Domingos Paulo Oliveira

Pároco de Santo Adrião – Braga

---

“O fruto do silêncio é a oração. O fruto da oração é a fé. O fruto da fé é o amor. O fruto do amor é o serviço. O fruto do serviço é a paz.” (Madre Teresa de Calcutá)

A primeira vez que ouvi falar da Maria Helena foi em Dezembro de 2009, num breve retrato traçado carinhosamente pelo tio, o Sr. Cónego Valdemar, na Cúria Arquidiocesana: “Pe. Domingos Paulo, tem uma colaboradora na paróquia que já sofreu muito. A Leninha é muito generosa e disponível, católica comprometida”. E, realmente, assim era. Como pároco, pude acompanhar este crescimento espiritual da *Leninha*.

Uma pessoa simples, de trato meigo, amiga e sempre alegre, de sorriso espontâneo e autêntico. Ao longo de dez anos, revelou-se um ser humano extraordinário, com profunda experiência de vida familiar, profissional e pastoral. É, sobretudo, esta última dimensão que melhor posso partilhar e testemunhar sobre a vida da Maria Helena.

Na paróquia de Santo Adrião, assumiu-se, com denodo e generosidade, como cristã deveras comprometida. Exerceu o ministério de leitora na Eucaristia das 11 horas ao Domingo e presidiu ao Movimento de Leigos de Santa Vicenta Maria da Congregação das Irmãs de Maria Imaculada (MOLAVIM). Estas religiosas, residentes na Rua Poente, têm a missão de cuidar de crianças e jovens desprotegidas. A Maria Helena, sempre atenta aos mais desamparados e necessitados, também auxiliava os jovens oriundos dos PALOP, angariando, na paróquia, roupa de quarto (cobertores, lençóis) e agasalhos de inverno para os estudantes acolhidos na residência universitária da Rua de Santa Margarida, dirimindo, com a sua acção magnânima, necessidades de bens alimentares.

Porém, foi sobretudo à catequese que dedicou muito do seu tempo, na preparação para a Profissão de Fé de tantos adolescentes. Catequista disponível e perseverante, mesmo quando a doença a debilitava. Nunca se furtou às actividades mais extenuantes como, por exemplo, as caminhadas ao Bom Jesus do Monte no encerramento do ano catequético de 2012/2013, depois de uma intervenção cirúrgica delicada. Ou numa outra actividade da catequese realizada em Marco de Canaveses, em pleno mês de Junho, sob um calor agreste, assinalando os 500 anos de Santa Teresa de Ávila pelos trilhos do mosteiro de Avesadas.

A Maria Helena tinha uma enorme força de viver. Mesmo quando, debilitada pela doença, o vigor físico parecia extinguir-se, mantinha sempre a sua forte determinação. A sua força provinha da vida espiritual séria. Participava diariamente na missa, alimentando-se das mesas da Palavra e Eucarística. Mensalmente, revivia o encontro com Cristo no sacramento da Reconciliação. Dedicava uma grande devoção a Nossa Senhora. Praticava, na Casa da Torre, os exercícios espirituais organizados pelos padres jesuítas. Vida abundante de oração e adoração! Na primeira Quinta-feira e primeiro Sábado de cada mês, entregava-se, durante duas horas, diante de Jesus sacramentado. Eis o segredo da sua vida: “O que me mantém de pé é ficar de joelhos diante do sacrário”. Trazia sempre a família no coração. O que mais lhe doía (perdoem-me esta confidência) era não ter os seus entes queridos mais perto de Jesus. Repetia: “Sempre os levo a Jesus, mas gostaria muito que todos eles viessem à igreja alimentar-se de Deus na Eucaristia. Esta é a melhor herança que lhes quero deixar”.

Na Igreja, o critério pastoral não é o sucesso, mas a fidelidade. Posso resumir assim esta década de uma mulher que quis levar a sério o que Jesus disse aos discípulos: “Se alguém quiser seguir-Me, tome a sua cruz todos os dias e siga-me”. (Mt 16, 24).

Sou grato, Maria Helena, porque pudeste dizer como S. Paulo no crepúsculo da vida: “Quanto a mim, já estou pronto para oferecer-me como sacrifício; avizinha-se o tempo da minha libertação. Combati o bom combate, terminei a corrida, permaneci fiel. A partir de agora, já me aguarda a merecida coroa, que me entregará, naquele dia, o Senhor, justo juiz, e não somente a mim, mas a todos os que anseiam pela sua vinda.” (Timóteo 4, 6-8).

# Até sempre, Helena

---

Eduardo José Marcos Camilo

Docente do Departamento de Comunicação, Filosofia e Política e Investigador do LabCom - Comunicação e Artes, da Universidade da Beira Interior

---

1. Foi com muita pena que soube da notícia da partida da Professora Helena Gonçalves. Sou docente na Universidade da Beira Interior há algumas décadas, mas foi na SOPCOM que a conheci. Na altura esforçávamo-nos por organizar os Grupos de Trabalho de Comunicação Organizacional e o de Publicidade e Comunicação, juntamente com outros *compagnons de route*.

2. Não é possível escrever sobre a Helena separando-a dos tempos que protagonizou na SOPCOM, tempos que se vão esboroando como grãos de areia entre os dedos. Nesta sua homenagem, deixem-me também escrever sobre esses tempos, pois com a sua partida se vai uma parte de alguns dos ideais académicos misturados com locais onde estudei, comecei a lecionar e convivi com colegas.

3. É sempre este o problema dos epidícticos.

No discurso das virtudes, arriscamo-nos a fazer parecer os homenageados como dinossauros excelentíssimos, bramando sobre passados idealizados. Mas o que é verdade é que a Helena, assim como o Costa Pereira (Escola Superior de Comunicação Social), o Nelson Traquina (Universidade Nova) ou até mesmo o Padre Geraldês (Universidade da Beira Interior), representam tempos áureos do estudo universitário em geral e da implementação dos estudos das Ciências da Comunicação em particular. São tempos cada vez mais raros, lamento afirmar-vos. Se ainda cá estão muitos colegas protagonistas desses momentos (e ainda bem!), alguns dos valores e ideais já só vão existindo nas suas memórias (que alguns teimosamente não querem publicar...).

4. Que tempos são estes? Estou a referir-me a quê?

Aos tempos do idealismo e da curiosidade científica da investigação, substituídos agora na Universidade (e na SOPCOM) por outros muito exigentes de apresentação de resultados e cumprimento de metas, momentos de carreirismo em que já não se investiga por missão ou paixão - vivendo-se os avanços e recuos, as euforias e angústias normais do trabalho da investigação, os erros e os reveses —, avançando-se a direito contra tudo e todos, em nome de motivações e interesses dúbios ou incompreensíveis. Estou a referir-me aos tempos em que as opções por uma investigação de cariz fundamental e reflexivo, no âmbito de uma teoria e epistemologia das Ciências da Comunicação, têm sido substituídas por outras de uma atividade burocratizada consubstanciada em artigos e livros centrados na relação de dados quantitativos e no preenchimento de uma espécie de *templates*, enfim trabalhos sempre determinados por limites de caracteres em português de Acordo Ortográfico e num inglês qualquer.

5. Onde estão os tempos dos golpes de asa, das irreverências, dos entusiasmos por investigar outros temas originais, alguns até fraturantes? Os do internacionalismo e cooperação científico-pedagógica consubstanciados em congressos e palestras mesmo fundamentais e marcantes, os de descoberta e de aprendizagem com mestres que também vão desaparecendo, alguns nossos amigos do estrangeiro como é o caso de Jorge Lozano, recentemente vitimado pela fatalidade da Covid?

Com a Helena, e outros amigos, vão desaparecendo os tempos de consolidação das Ciências da Comunicação em Portugal definitivamente substituídos pelos da 'profissionalização científica e académica', sucedâneos do Tratado de Bolonha pautado pelo lema "*small is beautiful*". Viva! As licenciaturas estão mais curtas, o mesmo sucedendo com os mestrados e os doutoramentos, os artigos publicados, os *papers* e as comunicações rigorosamente cronometradas em que hoje tudo parece ser mais acessível e vertiginosamente rápido. Mas será mesmo assim?

6. E da Helena, o que dela fica?

Sempre e sempre os estudantes, invariavelmente mentes irreverentes, generosas, abertas e prontas à novidade! E só nos resta fazer como a Helena Gonçalves, e como tantos outros mestres que entretanto partiram e alguns que são nossos exemplos vivos. Tentar não frustrar as expectativas destes jovens e fazer a investigação em que realmente acreditamos.

Até sempre, Helena.



# Homenagem à Dra. Helena Gonçalves

---

Fátima Nunes

Antiga funcionária do ICS, Universidade do Minho

---

Foi com muita tristeza que recebi a notícia da partida da Dra. Helena. Mais um membro da Família do ICS nos deixou. Vi sempre a Dra. Helena como uma pessoa meiga e atenciosa.

Recordo que algum tempo depois da minha aposentação, casualmente, encontrámo-nos numa pastelaria. Muito sorridente aproximou-se de mim a dar-me conhecimento de que tinha adquirido um apartamento ali em frente e fez questão que eu o visse.

O cumprimento dela era sempre muito cordial, gostava de saber como eu, o meu marido e filha estávamos.

Recordá-la-ei sempre como uma Senhora serena e sorridente.

Até sempre Dra. Helena!





# Memórias de um tempo feliz

---

Felisbela Lopes

Docente do Departamento de Ciências da Comunicação, ICS,  
Universidade do Minho

---

Estávamos em 1994. Eu entrava pela primeira vez no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, conduzida por um concurso público, sem conhecer absolutamente ninguém. Enquanto diretor de departamento e fundador do curso de Comunicação Social, o professor Aníbal Alves deu-me as boas-vindas e deixou parte do acolhimento para a Helena Gonçalves. De gesto afável e olhos sorridentes, a Leninha lá me foi introduzindo na vida do DCC e ajudando a gerir as cadeiras que tinha a meu cargo. Essas são memórias de um tempo feliz. E isso também foi construído pela Helena Gonçalves.

O meu gabinete ficava no início do corredor, mas era frequente caminhar até ao fundo e bater na última porta ao lado esquerdo. Lá trabalhavam a Anabela Carvalho, a Luísa Magalhães, a Alexandra Lázaro e a Helena Gonçalves, professoras que lecionavam disciplinas muito diferentes e investigavam campos distintos, mas que se encontravam em conversas cúmplices que ajudavam a criar um ambiente harmonioso tão importante para um grupo em construção. Por vezes, também falava com a Helena Gonçalves ao final do dia pelo telefone. E ali estava ela do outro lado do fio (as chamadas faziam-se ainda assim) com a calma habitual que sobressaía por entre palavras pronunciadas com uma expressividade que facilmente denunciava o sorriso que sempre acompanhava qualquer conversa sua. Apesar de partilharmos a disciplina de Técnicas de Expressão, estávamos afastadas nas áreas de especialidade. Eu em Jornalismo; ela em Publicidade. Não eram campos contrários. Encontrámo-nos várias vezes na organização conjunta de conferências ou de jornadas e tudo decorria sempre com a agilidade e afabilidade do costume...

A certa altura, a Helena Gonçalves foi embora do departamento. Passados uns anos, reencontrei-a na missa que ambas frequentávamos. Normalmente eu ficava mais atrás e, ao longe, ia testemunhando a sua Fé e o seu empenho

em ser parte ativa em cada Celebração. Ali estava a Leninha, que me acolheu de modo tão afetuoso na universidade, a construir pontes para a Eternidade. Agora noutra lugar.

A vida tem as suas voltas e eu substituí esse ponto de encontro por outro, mas não haveria de a perder de vista. Lá estava ela na minha rua, agora em passeio pela zona pedonal. Morava umas casas à frente da minha. Essa proximidade permitiu-nos partilhar alguns pedaços do quotidiano em conversas de rua. Nunca dela escutei qualquer queixume em resultado da sua passagem pelos hospitais. Aliás, nunca dela ouvi lamúrias, queixas, críticas...

A Leninha está agora entre nós de um outro modo. A ela pertence parte da génese do departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, erguido com um enorme respeito por todos e sempre acolhedor em relação a quem chega ali pela primeira vez. E isso também se deve a ela... à querida Leninha.

# Uma saudade sem fim...

---

Fernando Pereira

Funcionário do Departamento de Ciências da Comunicação,  
ICS, Universidade do Minho

---

Por vezes, o percurso que imaginámos para a nossa vida acaba por ter uma grande influência de pessoas que connosco se cruzam durante esse trajeto. A Dra. Helena Gonçalves foi uma dessas pessoas.

Conheci-a num dia de fevereiro de 1993. Ela fazia parte do júri de um concurso público destinado a preencher um lugar na recém-criada Secção de Ciências da Comunicação, para trabalhar no curso de Comunicação Social que dava então os primeiros passos. Eu fazia parte da extensa lista de candidatos que tinha como objetivo ocupar esse mesmo lugar.

No primeiro contacto que com ela mantive, deu-me logo ali a sensação de estar perante uma pessoa serena, conhecedora, atenta e muito interessada no percurso do candidato que à sua frente se sentava. Falámos sobre a minha trajetória profissional, sobre livros, leituras, filmes, gostos pessoais, hobbies e... sobre a motivação que me movia para ocupar aquele cargo. A “conversa” foi avançando e notei que se tratava de uma pessoa de trato gentil e afável, de sorriso aberto e sincero.

A Dra. Helena Gonçalves era uma pessoa muito atenta às coisas que se passavam à nossa volta. Era alguém que se preocupava muito com o bem-estar de cada um, quer profissional, quer pessoalmente.

A secção de Ciências da Comunicação e o curso de Comunicação Social beneficiaram muito da sua capacidade de trabalho e da sua capacidade de inovação. Além das “Técnicas de Expressão” que lecionou inicialmente, acabou por abraçar uma outra temática pela qual era uma grande apaixonada: a Publicidade. Por inúmeras vezes a acompanhei na escolha de spots

publicitários para apresentar aos seus estudantes na sala de aula. Vezes sem conta lhe preparei os spots publicitários pretendidos, guardados nas velhinhas cassetes VHS, para que os pudesse mostrar aos seus alunos.

Depois de ter abraçado um outro projeto fora da Universidade do Minho, alguns anos mais tarde encontrei-a e pude com ela trocar algumas palavras de afeto e de carinho, depois do inevitável longo, longo abraço. Já não falámos das leituras, nem dos filmes; não falámos dos gostos nem das motivações. Conversámos sobre as nossas vidas e sobre a amizade que nos unia. Lembro-me, no final, de me ter despedido dela com um “prazer em vê-la, professora Helena”, ao que ela ripostou: “Trate-me por Helena, Fernando. Somos amigos”...

É desta forma que, além da memória de uma extraordinária professora, guardo da Dra. Helena Gonçalves uma imensa admiração, um enorme carinho, uma grande amizade e uma saudade sem fim...

# A verdade não suporta a lisonja

---

Filomena Bastos  
Deolinda Moutinho  
Adelina Antunes

---

Movimento de Leigos Vicenta Maria (MOLAVIM)

A verdade não suporta a lisonja, não convive com a hipocrisia. A verdade é mesmo feita de poucas palavras porque tudo o que pretende justificá-la, já a deturpa.

A Maria Helena, de forma abnegada e discreta, procurou a verdade que liberta.

Soube, como poucos, abrir portas e mantê-las abertas (*rectius* escancaradas); soube, como poucos, dialogar e construir pontes e mantê-las seguras.

Soube, como poucos, pôr-se a caminho, com a serenidade do peregrino que deixa para trás outras paragens; soube, como poucos, chegar ao destino certo sem desvirtuar as encruzilhadas da vida.

Soube desprender-se, para ter todos no coração; soube preferir para realmente amar; soube ser fiel ao que procurava; soube ser humilde para chegar aos outros, levando sempre no coração a fidelidade ao amor de Deus.

Tal como todos os apaixonados (costumava dizer que vivia “empapada no e do amor a Cristo”), ainda que tentem manter reservado o seu amor, dificilmente o conseguem. Há sempre um gesto, uma palavra, um olhar que o demonstra. A Maria Helena demonstrava o seu amor por Cristo e pelos irmãos em tantos gestos sinceros, em tantas palavras bondosas em tantos olhares amorosos.

Foi uma amiga fiel e atenta, sempre com um sorriso acolhedor...mulher corajosa e lutadora, derrubava muros e construía pontes, sempre aberta ao diálogo e com palavras de esperança.

A partir do momento em que conheceu as Religiosas de Maria Imaculada (RMI) e o Movimento de Leigos Vicenta Maria (MOLAVIM), com Missão partilhada, ao serviço das jovens, assumiu como sua esta linda missão. Com uma grande sensibilidade social, iniciou um processo de formação, fazendo o seu compromisso como Membro ativo do MOLAVIM.

Foi, entre outros, Presidente do Movimento de Leigos de Santa Vicenta Maria, (MOLAVIM) em Portugal, Movimento católico vinculado à Congregação das Religiosas de Maria Imaculada (RMI), fundada por Santa Vicenta Maria Lopez Y Vicuña em Espanha no sec.XIX. O Movimento de Leigos Vicenta Maria, (MOLAVIM), aprovado pela Santa Sé, partilha o Carisma e Missão com as RMI e está presente nos quatro Continentes; África, América, Ásia e Europa, ao serviço das jovens; jovens que estão sós, jovens que precisam de apoio, acompanhamento, orientação, procurando a sua formação integral, ajudando-as a crescer com autonomia e responsabilidade implicando-as na construção de um mundo mais justo e solidário.

No seguimento do nosso Carisma e para dar resposta aos muitos problemas, dos estudantes oriundos dos Países de Língua Oficial Portuguesa, criámos o Projeto Escutar. Este projeto, desenvolvido na Residência da Universidade Católica em Braga, tem como missão, escutar, acompanhar, orientar e defender os seus direitos de pessoas deslocadas e as atividades a desenvolver visam apoiar e melhorar a integração e qualidade de vida.

No início do nosso Projeto (2012/2013), a Maria Helena, lecionava na Universidade Católica, o que facilitou os contactos com a Universidade e com o Presidente da Residência da UC.

Professora sempre atenta aos problemas dos seus alunos...

A todos escutou com o coração, a todos auxiliou com abnegada coragem e dedicação, mesmo quando a saúde já lhe impunha alguns limites... a todos deu testemunho da **Boa Nova** do Deus da **Vida**, com gestos, palavras, acolhimento, orientação e serviço.

A Maria Helena tornou-se invisível aos nossos olhos mas não se tornou ausente porque continua connosco de outro modo.

Os Bravos e os Justos nunca morrem.

Obrigada Maria Helena!

Foi um privilégio, partilharmos o dom da vida.

# O sorriso fácil

---

Filomena Silva

Funcionária do ICS, Universidade do Minho

---

Recordar a Professora Helena Gonçalves é lembrar o sorriso fácil e sincero com que nos brindava sempre que nos encontrava!

Tinha sempre uma palavra doce, com o jeitinho de uma mãe carinhosa, para nos dar um conselho ou mesmo só para nos cumprimentar.

Era uma Mulher de estatura pequena, como eu, o que às vezes era motivo de brincadeira entre nós, mas uma Mulher muito trabalhadora e empreendedora, sem dúvida!

Que a sua energia ilumine o Céu, como iluminou certamente as pessoas com quem conviveu aqui na Terra.





# Até sempre!

---

Glória Silva

Ex-funcionária do ICS, Universidade do Minho

---

Recordo a Dra. Helena como uma pessoa calma, tranquila, sempre com uma atitude amistosa, afável, com um sorriso fácil e que o seu olhar acompanhava. Aparecia nos corredores do ICS, quase sem se dar pela sua presença, pela serenidade que transmitia e até mesmo pela forma como se movia. Até sempre!



## São diversas as lembranças...

---

Glória Vilaça

Ex-funcionária do ICS, Universidade do Minho

---

São diversas as lembranças que preservo da minha querida amiga Maria Helena Gonçalves. Do seu tão bondoso caráter, da sua voz sempre amiga e de paz. E zelo pelo exemplo de humanidade e afabilidade que durante a sua vida sempre semeou.

À minha eterna amiga Maria Helena Gonçalves deixo uma palavra sentida de saudade e conservo comigo a recordação perene da sua tão amável existência. Guardo no coração a honra da sua sincera amizade e celebro a sua memória com todo o amor.



# Partida silenciosa

---

Helena Sousa

Docente do Departamento de Ciências da Comunicação, ICS,  
Universidade do Minho

---

Quando o Prof. Aníbal Alves e a Prof<sup>a</sup> Helena Pires nos convidaram para escrever duas palavras sobre a nossa querida Colega e Amiga Prof<sup>a</sup> Helena Gonçalves, só poderia dizer que sim. Agradeço a justíssima homenagem que cuidadosamente prepararam e que a todos honra. É bom reconhecermos a vida e a obra da Helena e é muito importante lembrarmos o que aprendemos com o seu exemplo. A Helena partiu há um ano, deixando em nós um sentimento de perda e de uma despedida por acontecer. A pandemia, com todos os cuidados que exigia, fez com que a Helena tivesse partido silenciosamente. Faz-nos falta a sua presença e faz-nos falta a despedida.

Um ano volvido, é tempo de a recordar, como merece, e de lhe agradecer o que de si ficou em nós. Quando cheguei ao Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, em 1996, a Leninha, como carinhosamente lhe chamava o Prof. Aníbal, era uma presença amiga e serena para todos os membros do departamento. Recordo bem e com saudade os nossos primeiros contactos. Recebeu-me com afetividade e com a delicadeza que lhe era muito própria, tanto nas palavras como nos gestos. Com a passagem dos anos, fui apreciando cada vez mais a sua gentileza, o modo como tratava os estudantes e os colegas e o seu empenho pelas causas comuns.

Sendo uma pessoa de enorme cultura, a Helena transmitia o seu saber e a sua curiosidade pelas letras e pelas artes, contagiando alunos e colegas com as suas descobertas e novos interesses. Aprendia-se sempre com ela.

Para além de professora, colega e amiga, a Helena tinha também gosto pela investigação científica e tive o privilégio de colaborar com ela em projetos comuns, nomeadamente sobre o serviço público de televisão. Com a sua companhia de interesses científicos mais próximos, a Prof<sup>a</sup> Helena Pires, escreveram sobre a publicidade e sobre o serviço público de televisão, sobre a publicidade em notícia, tendo ainda feito outros percursos sobre a cidade

e sobre a paisagem urbana, caminhos que, aliás, ainda hoje a Prof<sup>o</sup> Helena Pires tão bem percorre. A comunicação da saúde fez também parte das suas preocupações científicas e integrou, juntamente com colegas do departamento, uma equipa de formadores nesta área. O seu trabalho merece ser recordado e os seus textos merecem ser lidos.

Quando os amigos nos deixam demasiado cedo, nem tudo pode ser reparado. Fazem-nos falta e nada resolve a ausência, mas não parte tudo. A obra, a vida e o exemplo da Helena são eternos.

Obrigada, Helena.

# Metro e meio de serena inquietação

---

Ivo Domingues

Docente do Departamento de Sociologia, ICS, Universidade do Minho

---

Vivíamos frente a frente, um em cada lado na mesma rua, envolvidos na discreta solidão da cidade. Foi a Isabel, funcionária do instituto onde eu trabalhava, quem nos apresentou, em encontro acidental naquela rua realizado. Mais tarde, voltámos a encontrar-nos na apresentação de um projeto de estudo a realizar no Liceu Sá de Miranda. Aí verifiquei como o clima daquela escola era especial, composto de competência nos anos amadurecida e de sentido de responsabilidade que na idade não cedia. E ela, na sua serena simplicidade, para todos os difíceis problemas encontrava fácil solução e, na sua discreta atuação, cultivava respeito que os membros daquela instituição educacional recursivamente lhe ofertavam. Era fácil perceber que era uma grande escola liderada por uma grande mulher.

Considerando a dignidade humana como aquele atributo intangível, não mensurável nem mediável por dinheiro, tive o privilégio de ter conhecido, na minha já longa vida, duas pessoas maravilhosas – o meu pai e a Leninha. Quando se encontraram pela segunda vez, ele disse “Olhá Leninha!” E a saudação foi tão espontânea e natural que parecia que transportavam almas gémeas. Ele ensinou-me que o trabalho dignifica as pessoas se as pessoas dignificarem o trabalho e, na base desse princípio ético, mereceu o título de campeão da solidariedade comunitária. Ela ensinou-me que o trabalho é transformador e bem convive com a ternura e que esta é mais do que sentimento, é instrumento de significação das relações pessoais e laborais, dos encontros e desencontros, dos consensos e dissensos. Por isso, quando enfrento dilemas nas relações laborais, nas memórias que dela cuidadosamente preservo, encontro conselho.

Aprendi a vê-la como metro e meio de serena inquietação. Com ela partilhei projetos empresariais e, nesse âmbito, descobri a estranha humanidade que nela habitava. Cumulava compromissos sem na vontade ceder. Animava

as longas jornadas de trabalho com a sábia máxima ‘Faz-se uma coisa de cada vez!’ Quando alguém mostrava cansaço, recitava outra máxima que fazia sentir diferentes os que diferentemente podiam agir - ‘começar é de todos, perseverar de santos’. Quase permanentemente interrogava crenças comuns, ampliando o olhar de quem perto via, aumentando a tolerância de quem só infrações via, abrindo janelas para as diversidades da ontologia. A sua arte para interrogar também era arte para significar e simbolizar, para elevar o significado de realidades desvalorizadas ou para apeiar significados inflamados. A sua sensatez parecia continuamente dotá-la da medida certa, da palavra justa, da ação necessária.

Incorporar a sua riqueza moral no meu património pessoal foi um privilégio. Por isso, a convidei a ser madrinha da minha filha mais velha, pedido a que ela acedeu com assinatura daquele sorriso que desenhava nos olhos e guardava entre os lábios. Para sorte da Sara, pois com ela esteve quando as incertezas da adolescência na sua vida emergiram, quando a vontade cansada declarava não ser capaz de alcançar o que a exigente ambição definira. A sua importância relacional foi urdida em segredo, tricotada na cumplicidade das almas e só, recentemente, dela soube quando a minha filha comentou “Pai, gostava de recuperar as cartas que escrevi à Leninha...”. A mãe natural foi extraordinária, a mãe social foi ‘contagiar’.

Quando a doença chegou, um estranho desígnio no seu corpo se alojou. Resistiu a uma, resistiu a duas traições que ele, silenciosamente, lhe preparou. Mas a luta deixou marcas e, afetada na sua autonomia, o alojamento em instituição de cuidados gerontológicos era a última etapa da sua vida. Menos vezes do que podia eu a visitava e, sempre que de lá regressava, emergia dor no peito que dificilmente calava. Um dia, decidi que a tinha de visitar todas as semanas. Afortunadamente, numa das episódicas visitas, descobri um fungo alojado numa unha das suas delicadas mãos. Comprei um medicamento de posologia semanal e, durante algum tempo, todas as semanas lá ia tratá-la, sob a irritante vigilância videográfica de pessoal de serviço. Quando saía, dirigia à funcionária que nos vigiava um sorriso que ela não conhecia nem sabia como significar.

Partiu sem acabarmos o tratamento. Partiu cedo demais, mas atempadamente avisou que iria partir. Tive tempo para performatizar a despedida, mas a despedida dela nunca teria suficiente tempo. Quando a Isabel, aquela mesma que, originalmente, nos apresentou, me informou que não seria



possível nos encontrarmos mais, senti que nunca fizera o que podia para lhe fazer companhia. E reconheci essa declaração com a transparente assinatura da tristeza que, por muito tempo, no meu rosto se grafou. Agora, às vezes, nas noites de luar, quando pela ‘marginal’ caminho, vejo a sua silhueta na lua. Creio que é de lá que ela observa a família que deixou e as demais pessoas de quem gostou.



# Nós, humanos, somos assim, gostamos dos nossos espíritos

---

José Miguel Braga

Professor na Escola Alberto Sampaio e docente convidado no Departamento de Ciências da Comunicação, ICS, Universidade do Minho

---

A Universidade do Minho e o Instituto de Ciências Sociais inscrevem-se neste livro para evocar e também homenagear a professora Helena Gonçalves. Como sabemos, a pessoa humana deixou-nos há algum tempo, não está em forma de conviver connosco, mas nós, humanos, somos assim, gostamos dos nossos espíritos e temos esta boa vontade.

Era eu um juvenzinho do sexto ano do Liceu Sá de Miranda e no princípio do ano vimos entrar na nossa sala um grupo de jovens professoras que vinham fazer estágio. Já então era uma turma do revirinho. Letras e oposição à ditadura. Por elas, pelas jovens professoras, tínhamos o encanto e gostávamos de ajudar. Quando não tínhamos nada para dizer, inventávamos. O orientador estava sempre presente e às vezes vinha o metodólogo do Porto, um senhor com muito bom ar e que fez obra na organização dos livros escolares da disciplina de Português.

Também tínhamos professoras estagiárias nas aulas de francês e eu lembro-me de passar horas a tirar significados das “Lettres de mon Moulin”, de Alphonse Daudet. Fazíamos brilharetes, nós e as jovens professoras. Ficou-nos desde então uma enorme simpatia e gratidão. Depois a vida alargou-se, envelheceu o tempo de cada um e eu via a minha professora jovem noiva com o seu Constantino e os dois jovens meninos nascidos e depois o Constantino adoeceu.

Nessa altura eu já andava por França, mas vinha muito a Portugal e via sempre a Leninha, respirando uma grande vontade, contida nas suas mágoas, tentando suportar e vencer. Sou testemunha do que é o sofrimento levado à exasperação, mas sem abandonar o barco. A coragem que teve. A coragem em tudo. Inventou um restaurante e tentou respirar a rua e a sociedade, animar-se perante a perda e um belo dia resolveu estudar e associou-se ao Instituto de Ciências Sociais e pôs-se a estudar esse mundo da linguística e da

sociologia com um clássico francês, de seu nome Oswald Ducrot. Penso que a Leninha, nesta sua fase universitária teve alguns bons amigos e renovou-se, com a inocência do jovem investigador, que não compreende porque é que a dor vem importunar a paz do fenómeno e a sua revelação.

Num certo momento, a Leninha também ficou doente e partiu. Lembram-na agora os amigos. Seria desinteressante dar início a um encómio ou promover um panegírico.

Lembro com todos uma pessoa de quem fui amigo, com quem convivi durante alguns anos e que me faz pensar numa pessoa querida, sempre muito resistente e verdadeira. Uma fragilidade pungente, mas também o corpo e o ser de uma pessoa boa.

Ela tinha uma energia, que cedo se transformou em alegria da tragédia. Aquela que nos faz, pobres humanos, ver na exposição da dor humana o deus do vinho. A Helena foi de certa maneira uma figura dionisíaca, mas também foi uma habitante do leito dos rios e um dia foi vista iluminada na noite branca e levada por uma barca. É ela que anda nos ares e agora é uma parte do universo, com os seus movimentos, as suas trocas e o seu não-pensamento.

# A vida dos seres humanos assemelha-se a um poliedro

---

Jorge Ortiga

Arcebispo Primaz

---

Solicitaram-me um pequeno texto sobre a minha experiência pessoal dos contactos que fui tendo com a professora Helena Gonçalves. Congratulo-me com a iniciativa de uma homenagem. É bom que não se esqueçam as pessoas que se foram distinguindo no quotidiano da sua existência. Parabéns.

A vida dos seres humanos assemelha-se a um poliedro. Há várias vertentes, umas podem parecer mais importantes, mas todas são significativas. Nada deve ser esquecido, pois só o todo manifesta a originalidade que cada um encerra.

Quero escolher um aspeto poliédrico da Professora Helena. Foi uma mulher de fé. A partir daqui foi estruturando todas as atividades que compuseram o seu dia-a-dia. Quando falo da fé, estou a pensar na linguagem e terminologia dos Evangelhos, em “fermento” que silenciosamente invade toda a massa, em “semente” acolhida e colocada nos diferentes ambientes e em “luz” que manifesta, talvez ousadamente, o que se tem dentro. Nunca aceitei uma fé encerrada na sacristia ou nos espaços litúrgicos. Ela acontece dentro, como opção responsável e consciente, e transborda para fora.

Trata-se, essencialmente, de uma experiência interior, mas com muitas repercussões no exterior.

Sublinhando este aspeto, estou a referir uma coerência de vida, manifestada em relações de verdadeira amizade e disponibilidade para servir. Nada lhe parecia custar e só lhe bastava a alegria de estar com outros para, em comum, ir trabalhando por um mundo melhor. Sei que cuidava da sua vida interior, reservando tempo e espaço para um retiro anual onde a vida se confronta com aquilo que deve ser. Por aí passava um sério exame de consciência, próprio de quem acredita que a vida pode mudar, particularmente nas relações com os outros, tornando-se uma permanente experiência de

fraternidade entendida como código de vida e a exigir compromissos de solidariedade e dedicação aos outros.

A sua fé foi operativa pois acreditava que sem obras era morta. Operativa no serviço aos outros, mas particularmente nos compromissos assumidos na comunidade a que pertencia. Sabia que ser cristão não é um navegar solitário. O cristão caminha com os outros e com eles vai realizando uma missão de interesse para o bem comum. Sei que pertencia a um movimento de leigos onde encontrava propostas que se tornariam norteadoras do quotidiano. Na sua comunidade paroquial era uma presença assídua que ajudava e estimulava. Também a catequese lhe mereceu uma atenção particular comunicando a jovens e crianças o que antes havia experimentado. Tudo isto significa uma verdadeira consciência da sua vocação cristã que necessariamente integra um sentido de missão a desenvolver, de harmonia com as potencialidades e qualidades de cada um. O cristão não é um mero consumidor. Procurando seguir os passos de Cristo, assume o Seu projeto e mostra alegria em participar dele, sempre no intuito de dar ao mundo um rosto mais humano onde a dignidade de todos é respeitada. A sua vida na Igreja não foi um mero passatempo. Acreditou que dela algo de novo poderia ir acontecendo.

Nos tempos que correm não se olha muito para modelos. Sabemos que eles existem e que muitos se deixam condicionar por eles na expectativa de encontrar a felicidade. São uma pressão contínua e muitos nem sequer se apercebem da sua tirania. Influenciam e impõem os seus critérios. Da minha parte, sei que vivemos numa sociedade plural onde importa saber conviver com o diferente. Penso, porém, que a vida dos outros pode ser uma lição desde que seja assumida responsabilmente. Não será que a verdadeira homenagem poderá passar por aqui, reconhecendo que os caminhos percorridos pela Professora Helena podem ser imitados? Deixo esta interpelação. Se ela foi, entre muitas outras coisas, uma mulher de fé com uma presença ativa na Igreja e na sociedade, poderemos continuar o seu caminho, engrossando as fileiras daqueles que acreditam que é possível construir um mundo melhor. Basta não querer gastar inadvertidamente a vida. Ela pode deixar rasto. E o mundo, dito evoluído, está a precisar de sinais, por pequenos que possam parecer.

# A amiga Leninha

---

Luísa Magalhães

Ex-docente do Departamento de Ciências da Comunicação, ICS, Universidade do Minho e atualmente docente na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais na área da comunicação, na Universidade Católica Portuguesa, em Braga

---

Falar ou escrever nesta homenagem é um privilégio, que reconheço e agradeço. Eu havia de escrever sobre a Dra. Helena Gonçalves, mas essa é uma circunstância relativamente difícil, para mim, por ser distante, no modo e no trato. É melhor escrever sobre a minha amiga Leninha, companheira, como ela gostava de dizer, em tantos dias, bons e maus.

Vivemos juntas um modo de vida. Fomos professoras, a Leninha e eu, primeiro, quase próximas, na estória da estagiária aflita e da Diretora da escola, no Sá de Miranda, onde nos conhecemos. Depois na UM, como “requisitadas”, juntas no mesmo gabinete, pela mão do Professor Aníbal Alves, de quem eu tinha sido aluna e ela amiga. Mais tarde ainda, depois da requisição ter terminado por decisão superior, na Universidade Católica, na Faculdade de Filosofia de Braga, onde eu fiquei, até hoje.

Organizámos eventos, colocámos estagiários, fizemos vários trabalhos de investigação. Ela “dava o corpo ao manifesto” sem lugar a tréguas quando o assunto se complicava. Fomos fazendo caminho, como ela gostava de dizer, andando sempre. Correndo, às vezes, como quando se organizou o Congresso Sopcom na nossa UM e, mais tarde, o CICOM, já na UCP. Tinha um gosto enorme para os detalhes que nos faziam confortáveis, um olhar de poesia e calma que nos inspirava sempre. Foi contagiante para mim a sua dedicação aos alunos, a sua paixão pela comunicação e pela publicidade, a sua ternura em tantas coisas, o seu carinho, o seu sorriso, oh!, o sorriso da Leninha, que coisa boa, quentinha e fraterna... é que não havia dificuldade, atrito ou problema que travasse aquele sorriso bom.

Esta vida é assim, um elástico. Aproxima, encontra, afasta, aproxima outra vez... e às vezes afasta bastante, para que a nova aproximação seja ainda mais profunda. Guardo comigo momentos bonitos, viagens alegres, partilhas fantásticas e, sobretudo, o exemplo profundo de uma pessoa realmente boa, que me marcou por ser *extraordinária*.

Obrigada, Leninha.



# Para a Leninha

---

Maria Isabel Antunes

Amiga

---

Foi num misto de alegria e profunda tristeza que, ao mexer no baú das recordações, encontrei talvez a primeira fotografia que tirei com a Leninha: estávamos sentadas na Praia do Carvoeiro, de livro na mão, enquanto as quatro crianças brincam na areia.

Apesar da tristeza em que ambas estávamos mergulhadas pela viuvez precoce que no espaço de oito meses atingiu ambas, dando as mãos, conseguimos abraçar o nosso desgosto e dar continuidade à vida, transformando os dias cinzentos em dias de sol pelos nossos filhos.

A Leninha, com sua sabedoria, amava tudo o que era belo, privilegiando as flores e o mar, a natureza, a boa gastronomia, a leitura de um bom livro, o gosto imenso pelas artes. Sua marca pessoal era a incomparável bondade, capaz de preservar a mais pura das amizades. Foi generosa sem limites: mesmo na doença, tinha sempre um sorriso para oferecer na partida.

Obrigada Leninha por tudo o que partilhámos durante os 36 anos em que a amizade nos uniu. Até sempre!

Na última vez em que estivemos juntas, despedi-me com um até breve que nunca chegou. Na própria hora da morte quis poupar-nos a um luto pesado. Foi à distância e na solidão que chorei a sua partida.



# Uma sabedoria sem ruído

---

Mário Garcia

Docente na FacFil, Universidade Católica Portuguesa, Braga

---

Recordo a Prof.<sup>a</sup> Maria Helena Gonçalves na Missa matutina, no Lar das Irmãs de Maria Imaculada, na rua Poente. Muitas vezes a encontrei na mesma celebração eucarística. Discreta, com um sorriso acolhedor. A capela parecia impregná-la de paz. Dali, ela seguia para a Universidade.

Quando nos deu a graça de colaborar connosco na Faculdade de Filosofia, aconteceu, em algum intervalo, irmos tomar café. A sua conversa versava, quase sempre, sobre alguém que estava a passar dificuldades, sobretudo psicológicas. Eu apreciava muito a sua intuição.

A posição de professora nunca lhe subiu à cabeça. Muito menos, ao coração. As suas mãos eram de mãe, mesmo e sobretudo, quando ensinava. O rigor mostrava-se brando, mas não se desfazia em banalidades. Representava bem o ideal da pedagogia humanística: *fortiter ac suaviter*.

Não é fácil conjugar estas duas vertentes. Há quem seja forte, mas não tenha suavidade: torna-se duro. Há quem seja suave, mas não tenha força: torna-se mole. A Prof.<sup>a</sup> Helena não era nem uma coisa nem outra. A sua fortaleza testemunhava sempre uma grande ternura.

Mestra da comunicação integral, sabia distinguir para unir, nunca para separar. Mulher de fé, em Deus misericordioso e no próximo necessitado, praticava, com eficiência mais do que académica, o seu dever. Entregava, porém, a eficácia ao amor d'Aquele que vê o interior.

Creio que este princípio orientava o seu agir. Não serei, porventura, parcial, se o aproximar do “Pressuposto” que Santo Inácio de Loiola consigna nos Exercícios Espirituais: “Se há de pressupor que todo o bom cristão deve estar mais pronto para salvar a proposição do próximo, que para condená-la; e se não a pode salvar, inquirir como a entende, e se a entende mal, corrija-o com amor; e se não basta, busque todos os meios convenientes para que, entendendo-a bem, se salve” (22, 2-4).

Querida amiga Maria Helena, nestes tempos nebulosos, precisamos tanto de si! Mas sabemos que está connosco, na brisa suave de uma boa inspiração, que nos traz, do coração do Nosso Pai, o alento e a força para olharmos o futuro com esperança, na rua do Sol Nascente. Muito obrigado.

# Querida Dr.<sup>a</sup> Helena

---

Natália Dias

Ex-aluna, ex-colaboradora da Bússola e colaboradora –  
área de Marketing – na Primavera BSS

---

Querida Dr.<sup>a</sup> Helena,

Sinto uma elevada honra por ter a oportunidade de lhe expressar esta singela e merecidíssima homenagem.

São tantas as recordações que fica difícil escolher as palavras e as histórias para partilhar. E são tantas as saudades também...

Gosto de palavras e isso foi, certamente, o que nos uniu desde o primeiro momento e para sempre. Tantas vezes a ouvi citar Fernando Pessoa: “minha pátria é a língua portuguesa”. Transmitiu-nos, continuamente, essa paixão pela língua mãe, partilhando trechos das mais ilustres obras, desde Camões a Pessoa, e tantos outros... e recitava-os com uma graciosidade única que ainda agora consigo ouvir, com uma voz doce, melodiosa e um pouco embargada pela emoção. Tocava-nos na alma.

Estará sempre no topo das pessoas que mais me inspirou e contribuiu para amar a nossa língua, “muitas vezes tão maltratada”, como dizia.

Tive o privilégio das nossas vidas se cruzarem por longos anos, primeiro como sua pupila no curso de Comunicação da UM, depois, durante sete anos, na empresa Bússola onde me possibilitou, enquanto profissional na área da Comunicação, dar os primeiros passos sob a sua orientação discreta, mas sempre atenta e inspiradora. Foram tantas as aprendizagens com a mestre Helena!

Adorava a forma como, nalgumas ocasiões, se apresentava: “sou metro e meio de inquietação constante”, referindo-se à sua pequenez física, mas à sua grandeza de alma e energia.

Recuo alguns anos, para recordar e partilhar uma primeira história que me tocou enormemente:

Estava no 1º ano do curso de Comunicação e a Professora Helena Gonçalves lançou o desafio aos alunos da turma para escreverem um

determinado texto. Não me recordo bem se havia um tema ou se era de tema livre. Sei que escrevi o que me ia na alma, na altura, recém-chegada a uma cidade “nova” e com saudades de casa. O título era: “Uma mala cheia de nada”. Pediu-me que partilhasse com a turma o que tinha escrito. Fi-lo, de forma envergonhada e quase me faltou a voz, mas emprestou-me a sua energia e coragem para partilhar com os colegas mais do que o que havia escrito, o que me ia no coração. Acho que esta pequena história era já um prenúncio de que as nossas vidas se voltariam a cruzar, uns anos mais tarde, e que as palavras nos iriam ligar para sempre.

Recordo, com um sorriso, uma outra história que batizo de “a lição da Professora Helena Gonçalves”... estava já a trabalhar na Bússola há alguns anos quando, numa reunião de equipa, nos pediu para realizarmos um breve exercício: “escrevam uma frase com dois adjetivos e usem o advérbio de modo”. A nossa Mestre sabia que nem todos iriam conseguir usar, correta e assertivamente, o advérbio de modo quando usado com dois adjetivos.

Se tivesse de escolher as características que melhor a definem optaria pela paixão pelas palavras, mas destacaria, ainda, a sua generosidade, amabilidade, humildade, a doçura da sua voz e a serenidade que nos transmitia. Também era uma “lutadora”, uma força da natureza! Resiliente, sucessivas vezes nos dizia: “começar é de todos, terminar é de poucos”.

E a propósito de generosidade e altruísmo recordo a sua preocupação contante com os “Outros”. Impossível não evocar o autor Joaquim Fidalgo (livro: A surpresa dos instantes), que tantas vezes a ouvi partilhar com aqueles com quem se cruzava. Os seus capítulos preferidos eram: “Por uma simples passadeira” e “Nós, os Outros e Eles” (aconselho a leitura). Com aquele jeitinho especial recordava-nos que os direitos e os deveres de um cidadão devem andar sempre lado a lado e que de cada um de nós depende termos um mundo melhor. Reforçava-o usando as palavras emprestadas de Joaquim Fidalgo: “um gesto pequenino, mil vezes multiplicado, vale mais que mil decretos”. E terminava: “mas Nós sabemos isso, é claro, agora os Outros?!”.

E, para findar este meu sentido testemunho, recupero o poema de Fernando Pessoa que permanentemente nos acompanhou e que diz tudo da pessoa especial que sempre soube e escolheu ser:

Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda brilha, porque alta vive.

O céu ganhou uma estrela, que continue a olhar por nós!  
Saudades.





# Olá, Maria Helena

---

Olindina

Amiga

---

Olá Maria Helena,

Foi uma honra ter a oportunidade de a conhecer e convivermos lado a lado.

Como me é favorável recordar todos os bons momentos que passamos juntas e que ficarão para sempre nas minhas memórias.

Recordo com alegria a partilha, a entrega, a dedicação, a humildade, a perseverança, enfim... um sem número de qualidades que marcaram a presença da Maria Helena na minha vida e no nosso grupo de catequistas.

A Maria Helena foi para mim um exemplo de força e dedicação que me marcaram e a sua ausência física em nada altera a admiração que sinto por si.

Como marcante foi vivenciar a forma como lidava com as adversidades... um exemplo de força interior muito grande, uma PESSOA ESPECIAL!

Sei que está em paz, junto de DEUS e sei que é mais uma "estrelinha" a iluminar o meu caminho.

OBRIGADA Maria Helena e até sempre.



# A Helena era uma pessoa leve

---

Sandra Marinho

Ex-aluna e docente do DCC, ICS, Universidade do Minho

---

A Helena era uma pessoa leve. Nas palavras e na forma como ouvia. No trato. Era observadora. Era atenta a detalhes: das situações, das pessoas, dos ambientes. Era de gestos elegantes. Conheci a Helena como professora, mas soube fazer-se presente fora da sala de aula. No abrigo que deu aos sonhos de um “Umbigo” jovem e provocador. Mais tarde, numa tarde que passámos juntas, à procura de um presente. Houve tempo para um chá, com calma, claro, e para percorrer muitos lugares. Até encontrarmos o presente perfeito, porque não podia ser de outra forma. Mais tarde, num encontro no supermercado que podia ter durado dois minutos polidos, mas durou muito mais. Porque a Helena queria saber da minha vida. A Helena era muitas coisas. Também a achava corajosa. Mas a Helena era uma pessoa leve e parece que a leio nestes versos:

Feliz aquela que efabulou o romance  
Depois de o ter vivido  
A que lavrou a terra e construiu a casa  
Mas fiel ao canto estridente das sereias  
Amou a errância o caçador e caçada  
A sob o fulgor da noite constelada  
À beira da tenda partilhou o vinho e a vida

Ode à Maneira de Horácio  
Sophia de Mello Breyner Andresen



# Empatia à primeira vista

---

Sara Balonas

Docente Dep. Ciências da Comunicação, ICS, Universidade do Minho

---

Dizem que as primeiras impressões são mais importantes. Cruzei-me por pouco tempo com a professora Helena Gonçalves mas, logo no primeiro contacto, senti como era afável e de sorriso franco. Foi empatia à primeira vista. Eu estaria a chegar à Universidade do Minho - em 2003 - e a Professora Helena terá sido uma das primeiras pessoas a acolher-me com muita simpatia.

Mais tarde, conheci o seu pensamento sobre a dimensão social e cultural da publicidade, como parte integrante para a compreensão do processo de estruturação da identidade e da formação dos cidadãos (Gonçalves & Pires, 2005). Percebi que partilhávamos linhas de pensamento similares sobre a função da publicidade para além do consumo.

Assim, presto a minha homenagem e deixo o meu testemunho. Fugaz. Tanto quanto fugaz foi o meu contacto com a Professora Helena. Porém, muito significativo.



# O vício da Publicidade!

---

Sara Braga Simões

Ex-aluna

---

Conheci a Professora Helena Gonçalves ainda antes de entrar na Universidade do Minho, no ‘1,3,5...’ por intermédio do meu pai, João Pedro que, muitas vezes, se fazia acompanhar da guitarra e lá passava alguns serões ao fim de semana. Mas, obviamente, grande parte das boas memórias que guardei são relativas aos tempos em que frequentei o curso de Comunicação Social e em que tive o prazer de a ter como minha professora da cadeira de Publicidade.

Na verdade, a Profa. Helena desencaminhou-me... até então - e desde há muitos anos - pretendia seguir jornalismo, uma vez que adorava escrever. A reportagem atraía-me de sobremaneira e imaginava-me a investigar grandes temas da actualidade e a mudar o mundo com o que revelaria através dos meus textos. Mas a Profa. Helena, com a disciplina de publicidade, viria a mostrar-me outro caminho no curso, um outro mundo de jogos de palavras, imagens... A Profa. Helena fazia isso: criava paixões! Não nos dava nada de bandeja: mostrava-nos como e o que procurar, como perceber, viciava-nos em publicidade! Foi-nos provando como uma ideia simples podia ter um grande impacto, revelando, com humor, mostras de publicidade, sessões *non stop* de grandes anúncios no cinema, no Porto, que eu seguia avidamente. Ainda hoje me lembro de um brilhante anúncio que me mostrou sobre um champô para a queda do cabelo... De repente, abriu-me um novo mundo na Comunicação que me apaixonou. E foi, sem dúvida, a forma como ela nos guiava que fez despertar este novo interesse.

A internet estava ainda a começar a ser utilizada aqui em Portugal, pelo que o meu Google, em relação à publicidade, foi mesmo a Profa. Helena: que livros/revistas especializadas comprar, ler, o que procurar... E que grande Google ela foi! Mostrou-me imensa informação que foi aumentando o meu apetite por mais ainda. Acho que isto é o que de mais extraordinário um professor pode fazer por um aluno: criar nele a necessidade de descobrir, de

ir além do programa estabelecido! E acabei por terminar o Curso escolhendo a Publicidade como especialização. Lembro-me do olhar de orgulho, quase maternal, que me dirigiu ao ouvir um dos criativos da McCann Erickson/Hora elogiar o meu trabalho na agência durante o estágio integrado. E eu fiquei feliz por vê-la orgulhosa. Era a troca perfeita.

A vida ditaria que seguisse ainda um outro caminho: o canto lírico, mas a publicidade ainda hoje me apaixonou. É um legado da Profa. Helena Gonçalves que para sempre viverá comigo.

Durante os anos em que frequentei a Universidade tive também a oportunidade de fazer com a Profa. Helena, com o Prof. Manuel Pinto e com outra (então) aluna do curso de Comunicação Social, a Silvana Mota-Ribeiro, uma viagem inesquecível à Noruega, em representação da Universidade e de Portugal. Estivemos alguns dias em Kristiansand com grupos de estudantes de várias universidades de vários países, numa semana viking. Relembro com particular carinho dois momentos: um almoço ao ar livre - servido em rodela de troncos de árvores – em que a carne, com tempero da autoria da equipa portuguesa, fez um sucesso gigante. Todos os participantes perguntavam incessantemente à Profa. Helena e ao Prof. Manuel Pinto (os dois responsáveis pelo sucesso) como tinham temperado tal iguaria, o que os deixava extremamente divertidos! Entre algumas gargalhadas, diziam que só tinham utilizado sal, alho e limão... Na verdade, ficámos todos bem orgulhosos do poder da gastronomia portuguesa! Num outro momento, num jantar em que aproveitámos para servir vinho do Porto, cada equipa ficou incumbida de falar um pouco sobre a história do seu país. A Profa. Helena e o Prof. Manuel Pinto sugeriram que falássemos da nossa revolução dos cravos, do papel da rádio no golpe militar e que cantássemos a ‘Grândola, Vila Morena’ – uma das senhas do 25 de Abril. Eu toquei guitarra e eles cantaram com orgulho. Lembro-me de sentir o prazer com que a Profa. Helena cantou aquelas palavras, de uma forma sentida, de peito e cabeça levantados - como num hino - e como muitos dos presentes ficaram tocados e impressionados com o pedaço da nossa história que lhes tínhamos revelado. O mesmo orgulho que ostentava quando falava de Eça de Queirós - que adorava - e das suas cartas que tanto gostava de ler e reler (e citar).

No final dessa viagem, a nossa equipa recebeu um peluche: uma rena de cerca de um palmo de altura que servia como recordação de todos aqueles momentos vividos durante essa semana. Foi a Profa. Helena que ficou



incumbida de o trazer para casa e de o guardar. Assim o fez. Mas, muitos anos mais tarde (se não estou em erro, na homenagem feita ao Prof. Aníbal Alves, por altura da sua reforma), ofereceu-me o peluche, dizendo que gostava muito que fosse eu a guardá-lo daí em diante. Foi um gesto muito ternurento! Agora, a rena vive cá em casa. Com esse gesto, a Profa. Helena nomeou-me guardiã de todos aqueles momentos. Assim o farei!



# Contemplar o mundo à nossa volta

---

Silvana Mota-Ribeiro

Ex-aluna e docente no Departamento de Ciências de Comunicação,  
ICS, Universidade do Minho

---

Caminhou pela sala do CP1, com tranquilidade, olhar afável, sorriso aberto e uma voz que convidava a ouvi-la, enquanto se dirigia à secretária: aula de Técnicas de Expressão.

Tive a honra de conhecer a Helena Gonçalves na minha primeira semana de aulas, em 1992, acabada de entrar no Curso de Comunicação Social da Universidade do Minho.

Ao longo desse ano, o ritual manteve-se. Helena falava-nos, com voz que convidava a ouvi-a, de Barthes, da *Câmara Clara*, do *punctum* na fotografia, de Umberto Eco... A sua sensibilidade para as artes, para a poesia, para o pensamento refinado e, simultaneamente, livre, preenchia as tardes de sexta-feira. Última aula de cada semana, antes da ida para “casa” encontrar a família. Percebi, anos depois, já docente na Universidade do Minho, nesse mesmo curso, o quão difícil sempre é lecionar sexta-feira à tarde.

Porém, cada semana no curso dos meus sonhos e da minha realidade acabava bem. Com desafios ao pensamento, à compreensão do mundo, à contemplação do mesmo e à capacidade de expressão, de muitas formas; para ela, de todas as formas.

A sua energia e entusiasmo eram inspiradores. Irrequieta face ao mundo, parecia movimentar-se nele com o à-vontade de quem consegue conciliar a imagem de um furacão demolidor com a fotografia da mais serena paisagem. Essa forma de lidar com o mundo, percecionada por mim enquanto sua aluna, fazia com que a ouvisse falar sobre o “Z criativo”, na Publicidade, como se de uma entidade mágica se tratasse.

Lembrar-me-ei sempre da nossa viagem à Noruega. Professora e alunas: eu e a Sara. Por entre as peripécias do campo de “férias”, o seu sorriso e a sua extraordinária boa-disposição ecoavam nas paisagens geladas. Todas as noites, já no recolhimento dos quartos, qual criança rebelde, de sorriso

largo, desafiava as normas nórdicas, reunindo à sua volta, para uma cantoria coletiva, portugueses e espanhóis. Músicas da revolução portuguesa, baladas espanholas e muitas gargalhadas sonoras e “proibidas” àquela hora eram o seu grito de liberdade, a sua forma de dizer à Vida que nós é que a fazemos.

A Vida, porém, tem formas cruéis de nos lembrar pessoas que nos marcaram. Gosto de acreditar que o seu espírito curioso, a sua ideia de criatividade, o seu modo “livre” de olhar para mundo, o seu amor pela estética me influenciaram.

1992, Universidade do Minho, Gualtar, CP1, Sexta-feira: aula de Técnicas de Expressão.

Exercício: olhar através da janela da sala para as centenas de sacos e malas naquele local depositadas pela(o) estudantes de todo o *campus*.

Era um momento de contemplação. Para mim, de contemplação visual do mundo à nossa volta. Os significados de cada saco, de cada mala, do seu conteúdo e destino, das vidas cruzadas de todas e todos que ali tinham depositado a sua ideia de fim-de-semana. Foi isso que a Helena fez: conseguir que vissemos para além do monte de objetos aleatoriamente atirados...significados, significados, significados.

Até hoje, aquela sala do CP1 é a sala onde a Professora Helena Gonçalves fazia exatamente isso. Até hoje, falta-me, por sua causa, o colorido do aglomerado de sacos e malas que deixei de ver naquele local...

## *In Memoriam*

---

Zara Pinto-Coelho

Docente do Dep. de Ciências e Comunicação, ICS, Univ. do Minho

---

Foi no campo da investigação que a nossa parceria se concretizou. São dois os momentos que irei destacar a esse respeito.

Um primeiro momento, em 1991, ano em que publicámos o artigo intitulado “Quando o chique se diz com choque” na já extinta revista *Cadernos do Noroeste* do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Com o título de mestre na mão, ainda recente (1990), e ainda sem ter publicado nenhum artigo, porque naqueles tempos o ensino era a prioridade para a seção de Comunicação, eis que a Helena me lança o desafio de interrogarmos em conjunto a estratégia publicitária da Benetton. Recorde-se que à data a pandemia era outra, a do HIV/SIDA, e que ontem, como hoje, as tragédias humanas e civilizacionais podem ter finais dubiamente felizes. Vida, sexo e morte, a constelação temática em jogo nas imagens que escolhemos para dar a ler a 14 indivíduos, de ambos sexos, com idades compreendidas entre os 28 e 45 anos, sacerdotes, religiosas, médicos e educadores. Interessou-nos o “hiato verificado entre a mensagem tal como ela é concebida pelo emissor e as leituras que o recetor dela faz em situação”. Como matéria de interrogações e perplexidades, então, a relação dos públicos com imagens publicitárias, imagens sintonizadas com questões que inquietavam e continuam a inquietar a nossa condição humana. Um interesse que naquele momento primou pela originalidade e pioneirismo. Recorde-se que as bases dos chamados estudos de audiência foram lançadas nas décadas de 80 e 90 do século passado, e que os primeiros estudos empíricos realizados se centraram sobretudo na TV. Em Portugal, que seja do meu conhecimento, o interesse no que hoje é uma área consagrada de investigação em Ciências da Comunicação no país, era então inexistente ou pelo menos residual. Data de 2000 o livro que inaugurou essa área no nosso departamento, resultante de uma tese de doutoramento, da autoria de Manuel Pinto, *A televisão no quotidiano das*

*crianças*, publicado pela Afrontamento. Evidentemente que não o fizemos com a intenção de inaugurar coisa nenhuma. Não foi um sentido de oportunidade que nos moveu, como terá acontecido na campanha Benetton que analisámos no artigo. Moveu-nos uma inquietação e a necessidade de escutar o outro no acontecer que é a leitura, lá onde a comunicação ganha corpo e assim se concretiza.

O segundo momento é relativo à publicação do número 8 da *Revista Comunicação e Sociedade*, dedicado à Comunicação Estratégica. Todo o contexto de trabalho tinha mudado. Ao nível do ensino, com a chegada de Bolonha e a implementação dos 1º e 2º ciclos em Ciências da Comunicação. Ao nível da investigação, porque tínhamos conquistado, entretanto, um centro de investigação próprio, o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, na altura e ainda hoje liderado por Moisés Martins. A Publicidade e as Relações Públicas era já uma área de ensino com tradição que importava consolidar por via de um investimento mais concertado na formação do pessoal docente, na investigação e na extensão universitária. Muito trabalho havia já sido feito neste último campo, o da extensão universitária, através dos projetos de ensino, em particular da graduação em Ciências da Comunicação. Na altura, como ainda hoje, os nossos projetos de ensino incluíam estágios profissionais, um ponto-chave para a abertura e criação de alianças entre o mundo académico e profissional ou empresarial. Falamos de uma realidade pela qual sempre lutámos, esta a da interação da universidade com a sociedade, mesmo antes de ela se ter tornado um dos lemas que hoje integra as prioridades das políticas universitárias e científicas. O número da revista dedicado à comunicação estratégica surge precisamente desta chama, concretizada na organização de um seminário internacional dedicado ao assunto, à frente da qual estiveram Helena Gonçalves, Helena Pires e Aníbal Alves, representando a Universidade, e a APAP — Associação Portuguesa das Agências de Publicidade e Comunicação —, representada pelo então diretor executivo, Luís Rosendo. O seminário ocorreu na Universidade do Minho em 29 e 30 de outubro de 2004 e teve como título “A comunicação persuasiva: como a perspetivam académicos e profissionais?”. O elenco dos palestrantes integrou os professores Charo Sádaba, Alfredo Arceo e Ugo Volli. Sob este fôlego, a equipa que colaborou na edição do número 8 dedicado à Comunicação Estratégica, a saber, Gabriela Gama, Helena Gonçalves, Helena Pires, Luísa Magalhães, Teresa Ruão, fez deste número o volume

que continua ainda a ser hoje o mais internacional da história da *Revista Comunicação e Sociedade*, com 11 artigos assinados por autores estrangeiros convidados. A internacionalização da área por via das redes de investigação começou a dar frutos, antecipando o que mais tarde se tornou uma condição fundamental do nosso trabalho.

Como referi acima, foi na investigação que a nossa parceria se concretizou. E, como quis mostrar, a nossa parceria deixou sementes, no meu trabalho e no do coletivo de que ainda hoje faço parte. É que a Helena “não poupou no semear”. Mas para que uma parceria se concretize e seja de sucesso, como foi a nossa, importa criar laços, fazer pontes, partilhar conhecimento e experiências, dar e receber, confiar, enfim, importa que haja a troca, tal como ela é entendida por Marcel Mauss no *Ensaio sobre a dádiva*, a dávida-partilha, sistema de troca simétrico, no qual o valor da relação em si é tido como mais relevante que o valor das coisas ou dos usos. E foi assim que a nossa parceria aconteceu. Um grande bem-haja a si, Helena.





ATÉ SEMPRE,  
MARIA HELENA GONÇALVES



## O processo sempre inacabado da história da liberdade

---

[1]A reflexão a que me proponho, inspirada pelo conceito de “não-lugar” criado pelo antropólogo Marc Augé no seu livro *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*,<sup>[2]</sup> longe de constituir uma toada pessimista sobre o “mundo da vida” com os seus desencontros e desencantos, quer ser um hino de louvor aos não conformados com o excesso da *supermodernidade*, gerador desses produtos da con temporaneidade designados de *não-lugares*: aos crentes e confiantes na possibilidade de ‘cultivo’ do *lugar antropológico*, ‘segunda natureza’ do indivíduo no espaço-tempo em que se desenrola a sua existência; aos que apostam na construção do espaço público intersubjectivo como o lugar antropológico da estima e valoriza ção mútua, para além das reivindicações das diferenças; aos que persistem na defesa de um novo paradigma de solidariedade; aos que ousam repensar a relação entre identidade pessoal e laço comunitário na dimensão jurídico-social da vida humana, um verdadeiro exercício de cidadania.

---

\* Trata-se de uma republicação de texto originalmente publicado em: Gonçalves, M. H. (2009). “O processo sempre inacabado da história da liberdade”. In Pinto Coelho, M. Z. S. (Org.). Não pouses no semear. Trinta anos de comunicação, Anibal Alves. UMinho/CECS e Pé de Página. (177-182) Texto original disponível em: [http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/issue/view/205](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/205)

[1] Este título é retirado do texto “Tecendo os fios da sociedade: reforçando os nós da interacção Freire - Habermas” de Edna G. de G. Brennan, in III Colóquio de Paulo Freire, Recife -16 a 19 de Setembro de 2001. Mesa Redonda: Diálogos Interculturais. (Consultado na Internet em 25 de Fevereiro de 2009).

[2] AUGÉ, Marc, (1994), *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papiros.

A supermodernidade e os seus não-lugares

A reflexão de Marc Augé sobre a contemporaneidade parte da necessidade de dar sentido ao presente, ao contrário da perspectiva pós-moderna sobre a derrocada da ideia de progresso e consequente ininteligibilidade da história. O que o autor designa de supermodernidade é “o lado ‘cara’ de uma moeda da qual a pós-modernidade só nos apresenta o lado ‘coroa’ - o lado positivo e negativo”<sup>[3]</sup>

Erigida em objecto de estudo, a supermodernidade - a contemporaneidade nas suas contradições e complexidades - é definida pelo excesso factual e espacial e pela acentuada individualização das referências, a que correspondem transformações das categorias de tempo e espaço e do indivíduo. O indivíduo, que se crê no centro do mundo, tornando-se referência para interpretar as informações que lhe chegam, constitui-se também como figura de excesso.

A expressão *não-lugares* designa duas realidades complementares mas diferentes: é, por um lado, um espaço formado em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e, por outro lado, designa as relações que os indivíduos mantêm com este espaço. Acolhem, provisoriamente, “pessoas em trânsito”, na base de uma contratualidade solitária, estabelecida pela mediação de palavras, signos e textos, propostos por instituições ou pessoas morais. Ao contrário do *lugar antropológico* - identitário, relacional e histórico - significativo não só para os que o habitam ou dele usufruem, mas também para quem, de fora, procura entendê-lo, “simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa”, o espaço do *não-lugar* não cria nem identidade singular, nem relação, mas solidão e semelhança”, diz Marc Augé. Os *não-lugares* constituem uma nova configuração social desta época marcada pelo excesso: comprometidos com o transitório e a solidão, dão conta do nosso mundo provisório e do efémero.

---

[3] RIETH, Flávia (2005) AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994. (Coleção Travessia do Século), in Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n° 2, pag. 270-271, Jul/Set. 1995. (Consultado na Internet em Dezembro de 2008).

Para o estudo da contemporaneidade em toda a sua complexidade, tecida de perplexidades e contradições, as noções de *lugares* e *não-lugares* só podem ser consideradas como polaridades fugidias. As configurações sociais são múltiplas e diversas, irreduzíveis aos termos desta categorização dicotômica, na esteira de uma série de dualismos que nos perseguem. O que quero dizer, atenta à porosidade dos termos/noções, é que a realidade não se apresenta sempre desenhada a preto e branco, mas antes muito matizada, sendo que a categorização dualista e dicotômica *lugares/ não-lugares* pode revelar-se imperfeita para dar conta das “feridas morais” do nosso tempo, da relação tensional e conflituosa que atravessa muitos dos espaços que partilhamos, muitas vezes deficitários na sua especificidade identitária, relacional e histórica, que caracteriza o *lugar antropológico* e cria o que é organicamente social. Neste contexto, cabe perguntar se, para além dos aeroportos, auto-estradas e supermercados, identificados como *não-lugares*, outros espaços haverá eivados de características comuns e semelhantes, produtos das profundas transformações sociais, culturais e tecnológicas a que assistimos, onde a solidão impera e a semelhança, tecida de *invisibilidades* e falta de *reconhecimento*, é lei. Identificá-los e descrevê-los é via de acesso para compreender os comportamentos dos seus usuários.

#### Espaço público e reconhecimento intersubjectivo

O espaço público, fragmentado pela diversidade dos seus actores, revela-se e manifesta-se numa tensão antro-po-sociológica, em que o conflito alimenta a interacção e a luta pelo reconhecimento constitui a chave de interpretação.

“As sociedades contemporâneas vivem um ambiente de profunda perplexidade, causada pelas múltiplas e diversas transformações ocorridas, agravada pelos problemas que a globalização e a sua lógica neoliberal acarreta, feridas e enfraquecidas pelo arrefecimento, senão supressão, dos laços sociais. Encontrando-se o espaço público, no devir contemporâneo, em acentuada reformulação, encerra o paradoxo e a dificuldade de, sendo ‘espaço público’, estar construído - antes de mais e por força da globalização e do enfraquecimento dos Estados-Nação-, à volta de ‘interesses privados’, dando lugar a processos conflituosos de legitimidade social de

identidades particulares que buscam o seu reconhecimento colectivo”<sup>[4]</sup>. A (re)construção do espaço público implica a assunção do *espaço público intersubjectivo*, problemática que passa, de forma irrenunciável, pelas noções de *identidade e alteridade*, mediada pela noção de *diversidade*.

No decurso da sua reflexão e a propósito de crise de identidade frequentemente referida, Marc Augé questiona se não vivemos antes uma crise de alteridade. As reflexões antropológicas, sociológicas e filosóficas sugerem que “as tensões emergentes das novas relações sociais no espaço público europeu mergulham as suas raízes no tipo de pensamento da modernidade secularmente cultivada no ocidente e que se alimentou de noções como unicidade, totalidade, monólogo(= *identidade*) e que colide contemporaneamente com uma outra proposta de racionalidade, que assenta na fragmentação da razão e na afirmação de múltiplas razões(= *diversidade*). Desta forma, as problemáticas sociais centram-se actualmente no debate sobre o binómio identidade/diversidade, ou, posto de uma outra forma, pergunta-se: para permanecermos ‘nós’, o que fazer com ‘eles?’(...) Afirma E. Lévinas que “o outro enquanto outro não é somente um *alter-ego*: é aquele que eu não sou. E não o é pelo seu carácter, pela sua fisionomia ou a sua psicologia, mas em razão da sua alteridade mesma.” Na verdade, esta perspectiva contraria aquilo que parece ser uma ameaça à identidade - a diversidade. Pelo contrário - e transportada esta problemática para o interior da educação social -, a intervenção deverá centrar-se nas rupturas que as relações de força entre os indivíduos, os grupos e as instituições geram, ou seja, na capacidade de viver uns com os outros a partir de valores consensuais, na liberdade e no respeito mútuo, no reconhecimento dos direitos de cada cidadão. A diversidade e a discrepância constituem valores e oportunidades para fomentar um diálogo intercultural gerador de inclusão social, mediada pelo educador social.”<sup>[5]</sup>

Esta questão remete-nos para o espaço do “mundo vivido” e para a dimensão da interacção no processo de formação dos sujeitos, na perspectiva

---

[4] ‘Gonçalves, José Luís, (2008), “Espaço Público e Reconhecimento-0 Intersubjectivo: a afirmação do direito entre o amor e a estima social”, in Comunicação ao Colóquio Internacional Modos e Figuras de Habitar, FLUR, Novembro de 2008.

[5] Gonçalves, José Luís, (2006), O educador social, desafiado pela diversidade cultural das sociedades contemporâneas”, in Cadernos de Estudos n.º 3, “.Porto.Publicação do Centro de Investigação Paula Frassinetti.

de Habermas: a perspectiva de construção de novas solidariedades, a partir de sujeitos competentes, capazes de revitalizar a sociedade. Remete-nos para a “Teoria da Acção Comunicativa” e para a relevância do diálogo e da comunicação na construção de uma esfera pública, onde se equacionam os antagonismos e, através de consensos inclusivos, se revalidam as regras sociais. Os actores sociais já não podem resolver isoladamente os seus problemas e os seus anseios, mas, ao contrário, necessitam do Outro, para negociar interpretações e sintonizar planos de acção comum, no quadro da percepção das singularidades e da ambivalência presentes na esfera pública. Remete-nos para ‘cultivo’ de uma atitude dialógica entre sujeitos culturalmente situados, onde o reconhecimento do Outro, na sua radical alteridade, não implica a negação da própria identidade, mas a estrutura e reforça no processo de reconhecimento da alteridade.

Remete-nos para o reconhecimento do diálogo como exigência ontológica universal: “Só o diálogo como hospedagem e uma reverência cognitiva perante a alteridade darão corpo a uma educação intercultural que não é nenhuma utopia nem uma ideologia, mas uma resposta realista aos desafios da evolução da diversidade cultural das sociedades.”<sup>[6]</sup>

Espaço público e reconstrução da solidariedade<sup>[7]</sup>

Em artigo com este título, o seu autor, referindo a perplexidade em que vivem as sociedades contemporâneas, comenta: “A lógica económica neoliberal, que norteia a “globalização”, tem conduzido à supressão da solidariedade. Neste contexto, o problema da *exclusão* aparece como um tema chave para a compreensão da sociedade contemporânea. A *exclusão* é apresentada como uma categoria mais ampla para a compreensão do fenómeno social, para a redefinição dos modelos teóricos e para a reconstrução dos mecanismos de gestão do social”. E mais adiante: Na medida em que a construção do espaço público implica a existência de uma referência de *solidariedade* entre os actores sociais, tendo a considerar o espaço público, essencialmente, como um *espaço de solidariedade*. Por

---

[6] Ibidem

[7] Farias, José Fernando de Castro, “Espaço Público e Reconstrução da Solidariedade”, pesquisado na Internet em Janeiro de 2009.

outro lado, devemos também procurar pensar o *espaço de solidariedade* como um *espaço de diversidade*. O *espaço de solidariedade* deve garantir a unidade incorporando a diversidade. Unidade e diversidade devem coexistir na *lógica da solidariedade*.” Admitindo que a expressão é usada com muita ambiguidade nos discursos quotidianos, o autor considera esta noção de solidariedade “um fio condutor na reflexão sobre o espaço público”, não só numa dimensão sociológica, mas sobretudo como dimensão política (o difícil campo das escolhas e opções...), sem esquecer a dimensão ética e moral e as suas implicações na noção de laço social. E precisa de ser resgatada enquanto “representação colectiva mobilizadora”, porque “constata-se um grande paradoxo da sociedade contemporânea, pois esta sufocou as tentativas de construção de uma democracia social e pluralista, cuja força motora se baseia na liberdade, na solidariedade e num pluralismo da vida social. Na verdade, tornou-se um paradigma perdido”. Neste resgate, e para a reconstrução da solidariedade, importa rejeitar mais uma vez o dualismo, “o falso dilema” isolamento/massificação, forjando uma unidade no seio da complexidade da vida social: “A solidariedade não pode deixar de partir das próprias práticas existentes na teia da solidariedade social, e de abrir caminho para a criação de um *espaço social* intermediário entre a autonomia pública e a autonomia privada, o Estado e a sociedade civil, o Estado e o mercado, o político e o económico, o ideal e o empírico, o universal e o particular, concebendo-se uma nova forma de solidariedade que estabelece relações de complementaridade”.<sup>[8]</sup>

Trata-se de um programa desafiante relativamente à reconstrução do espaço público, para a leitura e compreensão da complexa contemporaneidade, um guia para a prática contextual relevante. Articula-se com a preocupação de preservação e criação do *lugar ontológico*, com a axiologia *identidade/alteridade*, levando em conta a *diversidade*: “Se a solidariedade é a esfera do agir comum, não se pode perder de vista que os homens agem e pensam de maneiras diferentes. A reconstrução da solidariedade pressupõe um mundo comum, onde a formação da identidade não admite o esmagamento do outro. Ela é feita no reconhecimento da alteridade e da diferença, na convivência com o outro, com o outro diferente. O mundo

---

[8] *Ibidem*



comum não pode ser construído sem que seja levada em conta a ideia de alteridade.”<sup>[9]</sup>

Um segundo desafio, decorrente do anterior, “realça a necessidade de uma educação para a *empatia* na relação com o Outro, ao ponto de integrar a alteridade no centro da perspectiva sobre si mesmo, alcançando aquilo a que Gadamer denominou de “fusão de horizontes”. A empatia distingue-se da simpatia, que se situa mais ao nível afectivo, na medida em que é um esforço de previsão e de antecipação da experiência do encontro entre pessoas portadoras de cultura.(...) A realidade da educação social torna evidente que as atitudes para a descentração e a empatia não são inatas, elas necessitam de uma aprendizagem sistemática e objectiva - fomentadas pelo educador social - para evitar o surgimento do egocentrismo. (...) Conjugando estas duas atitudes, o educador social cultiva num só movimento dois valores: O valor da *hospitalidade*, no sentido levinasiano, que se pode descrever como um movimento que o anfitrião realiza saindo de si e indo ao encontro do hóspede com a finalidade de superação dos preconceitos, de acolhimento e de escuta do Outro e que resulta, por consequência, na transformação do ‘outro-estranho’ e vulnerável num ‘tu-familiar’. O valor do *respeito* absoluto pela alteridade: ou seja, na intervenção social, há-de colocar-se sempre a tensão da construção da pessoa (personalização) que permita, ao mesmo tempo, desenvolver o Outro (identidade/alteridade)”<sup>[10]</sup> \_

## Conclusão

Procurei nesta reflexão, revisitando *lugares* inspiradores, manifestar a visão idealista e utópica do “processo sempre inacabado da história da liberdade”, com a convicção de que a utopia estimula a busca e a conquista da realidade projectada, pela educação de ‘eus’ competentes nos contextos de vida em que se inserem.

Propus-me escrever um hino de louvor aos comprometidos com a construção de um novo individuo e uma nova sociedade. Imperfeito na sua liberdade,

---

[9] *Ibidem*

[10] Gonçalves, José Luís, (2006), O educador social, desafiado pela diversidade cultural das sociedades contemporâneas”, in Cadernos de Estudos n.2 3, “.Porto.Publicação do Centro de Investigação Paula Frassinetti.

mas com toda a simplicidade, este texto constitui o meu hino de homenagem ao Professor Anibal Alves.

Sinto-me abençoada por nos termos cruzado neste caminho da vida e, sobretudo, por nos termos conhecido e reconhecido. Estabelecemos uma relação *empírica*, alcançando a “fusão de horizontes”. Junta do professor Anibal, encontrei um *lugar antropológico*, que me permitiu repensar e fortalecer a minha identidade pessoal, no respeito e *estima social* do Outro, levando em conta a *diversidade*. Fiz-me um ‘*eu social*’ mais *competente* e menos *vulnerável*. Valorizo muito esta experiência (con trato epistémico), fonte cognitiva de leitura e interpretação de múltiplas sensações e percepções.

Obrigada Professor Anibal!

Aprendi que “Para além de Viana ainda há casas...” e — muito importante! — “Ninguém é farto senão do seu semear”.

## Referências

- Auge Marc, (1994) *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus.
- Brennand, de Edna G. de G. (2001) “Tecendo os fios da sociedade: reforçando os nós da interacção Freire - Habermas”, in III Colóquio de Paulo Freire, Recife – 16 a 19 de Setembro de 2001. Mesa Redonda: Diálogos Interculturais, consultado na Internet em 25 de Fevereiro de 2009.
- Farias, Jose Fernando de Castro “Espaco Público e Reconstrução da Solidariedade”, consultado na Internet em Janeiro de 2009.
- Gonçalves, Jose Luis de Almeida (2006) “O educador social, desafiado pela diversidade cultural das sociedades contemporâneas”, in Cadernos de Estudos n.3, Porto. Publicação do Centro de Investigação Paula Frassinetti.
- Gonçalves, Jose Luis de Almeida (2008) “Espaco Público e Reconhecimento Intersubjectivo: a afirmação do direito entre o amor e a estima social”, in Comunicação ao Colóquio Internacional *Modos e Figuras de Habitar*, FLUP, Novembro de 2008.
- Rieth, Flavia (1995) “AUGE, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do Século), in *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, pág. 270-271, Jul/Set. 1995, consultado na Internet em Dezembro de 2008.



